

TRADUÇÃO COMENTADA DE DOIS TEXTOS INÉDITOS DE ELLEN WHITE À LUZ DO MÉTODO GRAMATICAL DE EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY

Carla de Assis Pereira Maia¹
Letícia Moreira Martins²
Patrick V. Ferreira³

Resumo

Este artigo apresenta a tradução comentada e a análise de dois textos inéditos de Ellen White dirigidos a John Harvey Kellogg. O objetivo central é contextualizar o embate teológico e administrativo que levou ao rompimento entre White e Kellogg no cenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ao mesmo tempo em que se analisa a complexidade da comunicação de White. Para a análise linguística, emprega-se o Método Gramatical de Eugen Rosenstock-Huessy, focando especificamente na aplicação dos modos gramaticais (imperativo e lírico/subjuntivo). A pesquisa demonstra como Ellen White utilizou variações gramaticais em um processo que os autores interpretam como uma guerra verbal ou enunciação profética, visando persuadir Kellogg sobre orientações que ela considerava vitais. O estudo contribui para a compreensão da sofisticação retórica de Ellen White e oferece material primário inédito para pesquisa em língua portuguesa.

Palavras-chave: Ellen G. White; Eugen Rosenstock-Huessy; tradução comentada; John Harvey Kellogg.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**
Organização: Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido: 26/02/2025
Aprovado: 14/09/2025

Como citar: MAIA, C. A. P.; MARTINS, L. M.; FERREIRA, P. Tradução comentada de dois textos inéditos de Ellen White à luz do método gramatical de Eugen Rosenstock-Huessy. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-46, e1966, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1966>

¹ Bacharel em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Professora de Inglês no Colégio Haya, Osasco. E-mail: kmaia23@gmail.com

² Bacharel em Tradutor e Intérprete e Licenciada em Letras (Inglês) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: martins.le@outlook.com

³ Doutor em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é professor no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). É membro do CEPId – Grupo de Pesquisa Contexto Escolar, Processos Identitários da Formação de Professores e Alunos da Educação Básica. Contato: patrick.ferreira@unasp.edu.br



COMMENTED TRANSLATION OF TWO UNPUBLISHED TEXTS BY ELLEN WHITE IN THE LIGHT OF EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY'S GRAMMATICAL METHOD

Abstract

This article presents the commented translation and analysis of two unpublished texts by Ellen White addressed to John Harvey Kellogg. The central objective is to contextualize the theological and administrative conflict that led to the rupture between White and Kellogg within the Seventh-day Adventist Church, while simultaneously analyzing the complexity of White's communication. For the linguistic analysis, the Grammatical Method of Eugen Rosenstock-Huessy is employed, focusing specifically on the application of grammatical modes (imperative and lyric/subjunctive). The research demonstrates how Ellen White utilized grammatical variations in a process the authors interpret as a verbal war or prophetic enunciation, aiming to persuade Kellogg regarding guidance she deemed vital. The study contributes to the understanding of Ellen White's rhetorical sophistication and provides unpublished primary material for research in Portuguese.

Keywords: Ellen G. White; Eugen Rosenstock-Huessy; tradução comentada; John Harvey Kellogg.

TRADUCCIÓN COMENTADA DE DOS TEXTOS INÉDITOS DE ELENA DE WHITE A LA LUZ DEL MÉTODO GRAMATICAL DE EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY

Resumen

Este artículo presenta la traducción comentada y el análisis de dos textos inéditos de Elena G. de White (un manuscrito y su última carta) dirigidos a John Harvey Kellogg. El objetivo central es contextualizar el conflicto teológico y administrativo que llevó a la ruptura entre White y Kellogg en el escenario de la Iglesia Adventista del Séptimo Día, al mismo tiempo que se analiza la complejidad de la comunicación de White. Para el análisis lingüístico, se emplea el Método Gramatical de Eugen Rosenstock-Huessy, centrándose específicamente en la aplicación de los modos gramaticales (imperativo y lírico/subjuntivo). La investigación demuestra cómo Elena G. de White utilizó variaciones gramaticales en un proceso que los autores interpretan como una guerra verbal o enunciación profética, buscando persuadir a Kellogg sobre orientaciones que ella consideraba vitales. El estudio contribuye a la comprensión de la sofisticación retórica de Ellen White y proporciona material primario inédito para la investigación en portugués.

Palabras claves: Elena G. de White; Eugen Rosenstock-Huessy; traducción comentada; John Harvey Kellogg.



INTRODUÇÃO

Ellen Gould Harmon (1827-1915) nasceu na cidade de Gorham, no estado do Maine, nordeste dos Estados Unidos. Foi uma pessoa com muitos talentos espirituais. Mesmo tendo parte de seu aprendizado comprometida por um acidente na infância, “perto do encerramento do seu ministério septuagenário, sua produção literária totalizava aproximadamente 100.000 páginas, ou o equivalente a 25 milhões de palavras, incluindo cartas, diários, artigos para periódicos, folhetos e livros” (Douglass, 2003, p. 108). Seus escritos continuam exercendo um papel impactante sobre milhões de pessoas ao redor do mundo. White é a escritora mais traduzida na história e escreveu sobre tópicos variados como religião, educação, saúde, relações sociais, evangelismo, profecias, trabalho de publicações, alimentação e administração (Schaefer, 1990, p. 87-88).

Entre aqueles que receberam influência direta de Ellen White esteve John Harvey Kellogg (1852-1943). Médico, cirurgião, inventor de cereais em flocos e de instrumentos cirúrgicos, além de pioneiro em fisioterapia e nutrição, Kellogg foi também um autor prolífico (Campbell, 2018, p. 475). Ele iniciou sua vida profissional muito cedo, aos dez anos, e conviveu de perto com os filhos do casal White, de quem se tornou amigo. O vínculo cresceu de tal forma que Ellen e Tiago White se tornaram seus benfeitores, incentivando-o a prosseguir os estudos. “Em 1873, os White estimularam os três jovens a frequentarem o Hygieo-Therapeutic College, de Russel T. Trall, localizado em New Jersey” (Campbell, 2018, p. 475).

Dedicado e perseverante, Kellogg estudou medicina na Universidade do Michigan e na Faculdade-Hospital Bellevue, em Nova Iorque. Após a formação, retornou para trabalhar no Instituto de Reforma de Saúde e, aos 24 anos, foi nomeado seu diretor. “Durante sua gestão, a incipiente instituição fundada apenas 10 anos antes, prosperou, alcançando o reconhecimento mundial como Sanatório de Battle Creek” (Campbell, 2018, p. 475). Ellen G. White tornou-se sua mentora, defendendo-o em situações de conflito com a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e mantendo com ele frequente correspondência.

Dentre os textos inéditos de White – com a palavra “inéditos” entendida como “ainda não traduzidos para o português” – contemplamos, neste trabalho, um manuscrito e a última carta que White enviou ao Dr. Kellogg, mas que provavelmente nunca lhe foi entregue. Visto que ainda não há tradução desses textos para a língua



portuguesa, a tradução, a análise e o comentário desses escritos se tornam relevantes para a história da IASD. O que norteou nossa ótica, neste capítulo, foi a teoria do historiador e filósofo social alemão Eugene Rosenstock-Huessy, com sua proposta de um método gramatical.

A tradução comentada nos fornece reflexões a respeito das decisões tomadas no processo tradutório. Torres (2017, p. 15) afirma que “pensar sobre a tradução é a essência da tradução”. Williams e Chesterman (2002, p. 7) defendem que comentários feitos pelo tradutor podem variar de diferentes modos, incluindo a análise do texto-fonte e o contexto envolvido na escrita, suas soluções diante de certos impasses no desenvolvimento do trabalho e suas justificativas para as decisões tomadas. Toda análise crítica que compare o texto-fonte com o texto-alvo faz parte, portanto, do que chamamos de tradução comentada ou anotada. A tradução comentada, dessa forma, propõe um envolvimento maior do leitor com o texto, possibilitando uma compressão além do que só a tradução ofereceria.

Segundo Sardin (2007, p. 121-136), a nota exegetica fornece o contexto necessário para a compreensão do texto, pois o tradutor fornece mais conhecimento, mas fora do texto. Para Berman (1986, p. 88), é crucial que a tradução assuma o papel especulativo e se torne “crítica e comentário de si mesma”; assim, o comentário começa onde a tradução termina.

Boisseau (2007, p. 4, tradução nossa) explica que

quer seja reformulação intralingual, ou transferência interlingual, a tradução é a sua expressão [de uma interpretação], mas, enunciada, ela mascara para o leitor o trabalho que a gerou [...]. Assim, o enunciado traduzido, ao mesmo tempo, conserva os vestígios do comentário que precede sua enunciação e os vestígios que o colocam em relação com circunstâncias particulares dessa enunciação: contexto histórico, cultural, linguístico.

Rosenstock-Huessy (2002, p. 129) descreve que “os imperativos pressupõem o domínio de determinada matéria do universo. No imperativo o conhecimento está subordinado à responsabilidade”, o imperativo transforma o ouvinte em soldado. Para ele, cabe, porém, ao modo lírico o papel de “sustentar o chamado do soldado” à vida, para que ele não fique sem a luz da razão entre o início e o fim” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 139). Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 118), “o imperativo não só comanda o ouvinte, mas estende uma ponte para o futuro”, pois é responsável pela revolução do ser humano, uma vez que “a verdadeira história do espírito



humano sempre começa por nossa assimilação de um imperativo” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 196).

Nos textos de Ellen G. White que são o objeto deste estudo há vários imperativos que aparecem sob a forma de conselhos direcionados a Kellogg. Com base nas perspectivas de Rosenstock-Huessy (2002), questionou-se, portanto: como podemos analisar a tradução dos imperativos e outros modos gramaticais nos textos inéditos sob estudo e como o método gramatical de Rosenstock-Huessy impactaria sua compreensão? De fato, hipotetizamos que um estudo minucioso dos imperativos empregados nos textos sob estudo revelaria que Ellen G. White articulava seus conselhos de modo a ressaltar uma enunciação a ser compreendida como profética.

Uma vez que traduzir não busca apenas levar a obra ao leitor, mas também evocar sua singularidade enquanto obra produzida, nosso objetivo principal, aqui, foi, então, o de aplicar o método gramatical de Eugen Rosenstock-Huessy à tradução inédita dos textos de Ellen G. White dirigidos a John H. Kellogg. Além disso, pretendeu-se contextualizar esses textos; avaliar seu contexto histórico; traduzi-los; e comentar partes da tradução com recurso ao método gramatical de Eugen Rosenstock-Huessy.

A metodologia empregada neste trabalho foi a da tradução comentada com recurso às notas de rodapé. Sua natureza é, portanto, descritiva e qualitativa, conforme a proposta de Williams e Chesterman (2002, tradução nossa), segundo a qual “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”.

A metodologia selecionada nos permitiu a escolha de um método específico para nortear o processo de tradução e comentário, que contemplou, além disso, a contextualização histórica dos textos traduzidos. Trata-se do método gramatical de Rosenstock-Huessy. O autor ressalta o imperativo de tal forma que outros elementos parecem de menor importância. No presente, a história ilumina o caminho para o futuro, que, dada sua importância no decorrer da obra, parece ser a dimensão mais importante. Trata-se, portanto, de uma articulação das quatro dimensões: passado, presente, futuro e eternidade (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 131).

O modo imperativo carrega a responsabilidade da revolução da história, pois, segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 131), “a infinita sequência de ordens dadas e



obedecidas é que ilumina os tempos da história”. Já o modo lírico, sendo introspectivo, sustenta o ouvinte e lhe oferece a razão de sua ação, pois a poesia “descreve o modo como o movimento iniciado por imperativo incendeia a imaginação e as emoções de um executor às voltas com o cumprimento desse imperativo” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 140). O modo narrativo é, por sua vez, o responsável por tornar o imperativo um objeto histórico, com a participação de falantes e ouvintes, pessoas reais (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 141). De fato, Rosenstock-Huessy (2002, p. 144) considera

irracional a linguagem concreta que, mais tarde, permite que nos tornemos abstratos, ou seja, as sentenças que são completas em relação a pessoa, ato e tempo, o imperativo, o modo lírico e o narrativo, ao passo que qualifica de sentença normal, em que a razão encontraria sua expressão lógica, o juízo abstrato que subsume casos julgados sob enunciados de antigo regulamento. A lógica daquela sentença não é nem um pouco menos razoável ou lógica que a desta. Além disso, ela comunica mais, é mais rica em conteúdo, mais duradoura em vida, mais certa no tempo.

O método gramatical não se refere a regras de comportamento, mas aponta para ferramentas de compreensão para nosso desenvolvimento como indivíduos e sociedade. Logo, propõe-se não uma saúde mental e, sim, gramatical a fim de termos destreza para mandar, ouvir ou executar, habilidades que nos são possíveis principalmente na linguagem formal.

EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY E O MÉTODO GRAMATICAL

Como filósofo cristão, Eugen Rosenstock-Huessy (2002, p. 15) postulava que “o Homem está reverberando a Palavra”, enquanto Deus “é o poder que nos faz falar”. De fato, sua vida foi regida pela centralidade e pela fé. Opunha-se, portanto, ao posicionamento de Nietzsche de que “Deus está morto”. Segundo ele, “Deus [...] põe palavras de vida em nossos lábios” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 32). Apesar disso, ele se descrevia como “pensador impuro” (Stahmer e Gorman-Thelen, 2002, p. 18). Ainda assim, deixa clara sua visão teísta e se refere aos feitos da linguagem como “milagres” diversas vezes (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 87-88).

Rosenstock-Huessy usa de alguns elementos-chave na maioria de seus escritos que são “o pensamento da fala” (Sprachdenken), o “método gramatical”, a “cruz da realidade” (Kreuz der Wirklichkeit), a preocupação com o “tempo”, o ataque ao



“penso, logo existo” (cogito ergo sum), de Descartes, e, finalmente, “a centralidade de Deus” (Stahmer e Gorman-Thelen, 2002, p. 26).

A linguagem formal

O livro inicia, no capítulo 1 (“O Autêntico Momento da Linguagem”), com a distinção da linguagem formal em relação à informal e aos ruídos animais. É muito comum que a fala seja informal, o que se considera uma grande virtude, pois “a informalidade acaba se tornando uma rebelião contra a formalidade” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 39). Sendo assim, Rosenstock-Huessy classifica a linguagem em linguagem animal pré-formal; linguagem humana formal; e linguagem informal. Para ele, toda linguagem formal se dissolve até virar linguagem informal e “é preciso esquecermos todos os nossos hábitos informais se quisermos entender a dificuldade da linguagem formal” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 40).

Para Rosenstock-Huessy (2002, p. 41), ou acredita-se que os animais podem falar, ou admite-se que a linguagem deve ser explicada em termos de história humana. Portanto, “para encontrar a origem da linguagem formal”, o livro pede para que o leitor “olhe as atitudes de pessoas e chegue à conclusão de que a linguagem não é uma ferramenta manufaturada ou um brinquedo da mente” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 42).

Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 43), os sons animais são pré-gramaticais, já a linguagem do homem é articulada e gramatical, pois tem o objetivo de se fazer existir; as crianças usam da informalidade em gírias, mas a linguagem humana é grandiosa por conta dos nomes, o próprio nome de Deus significa “aquele que fala; aquele que inspira o homem e o faz falar”. Por conta dos nomes, que é uma das principais características da linguagem formal, pode ser chamada de linguagem nominal ou nominativa e com isso, há uma substituição dos termos pré-formal, formal e informal por pré-nominal, nominal e pronominal. Línguas pré-nominais são as línguas sem nomes (dos animais), a língua dos seres humanos é a língua nominal e a linguagem infantil é a pronominal (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 44).

O autor não trata a linguagem como uma coisa abstrata. Rosenstock-Huessy (2002, p. 48) explica que é “necessário aprender com a doença de um grupo que não possui linguagem, porque a saúde de um grupo depende da origem da linguagem em seu meio”. Com essa afirmação é possível entender que “é impossível ter qualidade de vida sem linguagem e que a mesma deveria surgir para restaurar ou gerar essa



qualidade. Só é possível entender a linguagem quando entrarmos na área da não-linguagem e nosso problema é entender o que acontece quando uma língua não funciona para então entender a origem da linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 48-49).

O capítulo conclui com a afirmação de que “as crianças por si não inventam a linguagem, mas podem agir como membros adultos que restauram o grupo inteiro. [...] Na boca de crianças inocentes encontraremos a linguagem renascida” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 51).

Doenças da linguagem

O capítulo 2 (“As Quatro Doenças da Linguagem”) apresenta as “quatro doenças da linguagem” e explica o que acontece quando não há comunicação, tratando da falta de linguagem como um fenômeno político contemporâneo (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 53). A guerra, por exemplo, só acontece pela falta de comunicação entre os inimigos e termina quando as pessoas voltam a falar umas com as outras. Para isso, é necessário um tratado de paz que estabelece uma lei comum, que cria uma unidade falante que compreende os dois exércitos (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 53-54). Há também a revolução, que é uma ruptura na linguagem, mas não entre vizinhos como a guerra, mas entre gerações, em função da qual não se escuta mais a antiga língua da lei e é criada outra linguagem (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 55).

Os revolucionários são chamados de jovens, pois a linguagem deles deve amadurecer no processo da revolução e é em uma revolução que a linguagem velha é rejeitada por esse novo grito jovem que luta para ser articulado (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 56). Logo, enquanto a guerra é um conflito entre o aqui e o lá, a revolução é o conflito entre o velho e o novo. Assim, a degeneração é uma repetição mecânica de frases batidas, uma tirania que vai contra essa vida nova articulada (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 56-57). Há outra doença da linguagem para a qual empregamos as palavras crise e anarquia. Rosenstock-Huessy (2002, p. 60) diz que “a crise interna de uma sociedade começa quando ninguém diz às pessoas dessa sociedade o que devem fazer”. Há, porém, certa dificuldade de entender que isso é um problema de linguagem, pois costumamos pensar que “a linguagem é uma exteriorização de pensamentos ou ideias”, sendo que “na crise não encontramos



quem nos diga o que fazer e na guerra há pouca vontade de escutar” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 60).

Em suma, a guerra acontece quando não se escuta o que o inimigo diz; uma crise é não dizer a alguém o que fazer; uma revolução é uma gritaria inarticulada; e a degeneração é a repetição hipócrita (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 61). De qualquer forma, a linguagem então necessita “compreender os atos de escutar e falar, de articular e repetir”, pois “esses atos de ouvir e falar aumentam as fronteiras territoriais da linguagem e os de repetir e articular aumentam as fronteiras atemporais da linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 61).

O autor explica que, “na guerra, pessoas que julgam que devem ser escutadas são excluídas; na crise, as pessoas que querem escutar não são incluídas; na revolução, as ordens que esperam ser cumpridas são ridicularizadas; na degeneração, gritos que esperam ser compreendidos permanecem inaudíveis”. E com isso temos surdez diante do inimigo, mudez diante do amigo, gritaria contra a velha articulação e estereotipagem da nova vida (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 61).

A cura dessas doenças é como um tratado de paz para acabar com a guerra ou uma nova ordem da sociedade que pode acabar com uma revolução, a crise termina quando a confiança é restaurada e todos esses remédios são de natureza “linguística” ou gramatical, pois, quando a linguagem se restabelece, tem-se a sensação de que as coisas estão sob controle novamente (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 62).

É necessário que a “linguagem se aplique nos quatro caminhos da saúde para que não morra. É uma verdade intemporal” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 65). De fato, a fala surgiu antes da escrita, numa época em que “a linguagem oral tinha que ser capaz de obter os mesmos resultados que a linguagem escrita e oral juntas” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 66). “Olhando para o presente, dá para constatar que catástrofes como a Revolução Bolchevique, as Guerras Mundiais, a Grande Depressão e a queda da França constituem um tipo ou outro de ausência da linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 67).

O condão da linguagem

O terceiro capítulo (“Igreja e Estado do Homem Pré-histórico”) fala sobre a igreja e o Estado do homem pré-histórico. Para Rosenstock-Huessy (2002, p. 69), a pré-história e a antropologia são unânimes, pois seus estudiosos “provam que homens se valeram da linguagem para constituir uma situação ‘intermediária’ entre o



sepultamento de uma geração e a iniciação da geração seguinte. A linguagem criou um campo de força entre os que tinham vivido e os que iriam morrer”. Rosenstock-Huessy (2002, p. 70-73) defende que o ser humano se torna articulado, educado e encontra orientação e direção no tempo entre o nascimento e o sepultamento; portanto, por meio da linguagem conseguimos paz, ordem, continuidade e liberdade. O autor menciona algumas tragédias humanas e presume que é diante dessas calamidades, que surge a família, chamadas por ele de ilhas de paz, pois “com ela foram excluídas a guerra, o ciúme, o estupro e a anarquia”, uma vez que a paz se baseava na “exclusão da competição sexual” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 74-76).

No capítulo quatro (“O Conflito entre o Senso Político e o Senso Comum”), depois de entender a função da linguagem de tornar o ser humano em um corpo político, Rosenstock-Huessy (2002, p. 83-84) conclui que qualquer estrutura política “traz o ser humano para tempos e espaços recusados a seus sentidos temporais”, sendo através da “linguagem formal” que o ser humano “emerge do caos”, mesmo que o caos seja complexo, uma vez que sua análise torna possível “ver o papel crucial da sociedade em sua complexidade”. Por meio das tribos vieram famílias, subdivisões da tribo. Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 85), é por meio da linguagem elevada, nominal e explícita, que a tribo consegue alcançar a paz. Rosenstock-Huessy (2002, p. 85-86) também relata que “os ritos da tribo instituem cada família como um de seus centros de “senso comum”. Para ele,

irracional a linguagem concreta que, mais tarde, permite que nos tornemos abstratos, ou seja, as sentenças que são completas em relação a pessoa, ato e tempo, o imperativo, o modo lírico e o narrativo, ao passo que qualifica de sentença normal, em que a razão encontraria sua expressão lógica, o juízo abstrato que subsume casos julgados sob enunciados de antigo regulamento. A lógica daquela sentença não é nem um pouco menos razoável ou lógica que a desta. Além disso, ela comunica mais, é mais rica em conteúdo, mais duradoura em vida, mais certa no tempo.

Adiante, Rosenstock-Huessy (2002, p. 90-91) defende que, quando uma sociedade faz uso de velhas formas, as pessoas não obtêm paz enquanto não houver outras formas que inspirem nova fé e respeito. É aí que podem surgir doenças da linguagem, em função do conflito entre a forma e o senso comum, o que transformam os seres humanos em mentirosos (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 90). Segundo ele,



A relação entre verdade e mentira é o problema humano trazido pela criação da linguagem humana. [...] A sinceridade da linguagem original, sua formalidade e solenidade não podem ser apreciadas senão por observadores que simpatizem com esse aspecto trágico de nossas aspirações. Nossa análise das formas da linguagem deve receber ajuda de nosso senso do perigo, da possibilidade de traição que se esconde em qualquer linguagem (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 91).

O modo reflexivo e o revolucionário modo imperativo

Rosenstock-Huessy (2002, p. 93) afirma, no capítulo cinco (“Linguagem Versus Reflexão”) que “o autêntico lugar da reflexão é um espaço de tempo de segurança e relaxamento completos”. Ele também descreve que o lugar da linguagem formal “é um momento de caos e da mais alta tensão”, “entre o diabo e o profundo mar azul” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 93). Profundo e agitado, o mar também funciona como símbolo de melancolia, pois é *blue* (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 93).

A linguagem começa quando cada palavra dita de boa-fé implica a afirmação de que o que digo é verdadeiro, de que me defenderei se for atacado quanto ao que digo, e de que espero que o resto da comunidade acredite que digo a verdade. Ela patenteia sua vida histórica como uma interação, um drama entre minha crença em meu povo, minha fé na verdade e minha confiança em mim mesmo. Qualquer nome pronunciado em seu lugar autêntico é um ato de fé, de comunidade, de obediência, de interação social. Todo o seu poder advém de sua triplicidade, e um nome que já não produza a cadeia triúna entre o público, o orador e a inspiração está morto e deve ser enterrado (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 95).

Para Rosenstock-Huessy (2002, p. 95-98), “a reflexão é o coveiro dos antigos processos da linguagem. Sua vez surge depois que o autêntico lugar da linguagem ficou vago”, pois “o modo reflexivo examina fatos que podem ser rotulados e definidos”. Assim, a linguagem tem três direções: o público ao qual se destina, o objeto sobre o qual discorre e a inspiração que a promove. Além disso, envolve uma cadeia quádrupla de reações: fé, comunidade, obediência e interação.

No capítulo seis (“O Julgamento da Lógica”), Rosenstock-Huessy (2002, p. 103) comenta que o modo reflexivo é o que a gramática chama de “indicativo” e ocorre quando “nem o falante nem o ouvinte têm a possibilidade de alterar um fato”. Uma vez que a lógica ocidental passou a refletir exclusivamente sobre afirmações reflexivas, o autor chamou o ocorrido de “acidente fatal”, pois “isolou para sempre a lógica grega da lógica das tradições hindu, chinesa, judaica e egípcia” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 105). Dada a exclusividade do estudo, o resultado foi uma



“crescente esterilidade de todos os demais processos da linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 106). Rosenstock-Huessy (2002, p. 104-106) descreve, de forma singular, o ato da igreja: “a igreja acabou com essa seca, regando novamente a alma dos homens com todo o poder da linguagem”. Rosenstock-Huessy (2002, p. 107) explica que o estudo exclusivo da lógica grega foi desconsiderado pelos pensadores bíblicos:

Por essa única omissão, a conexão entre a lógica e a Bíblia, entre razão e fé, obscureceu-se. Elas pareciam falar de processos diferentes: uma fundava a verdade em sentenças imperativas, optativas, narrativas; a outra, em indicativas. Por isso a teologia é ilógica para o lógico. E o lógico parece irreligioso ao teólogo. Como é absurdo!

Ainda no capítulo seis, o método de Rosenstock-Huessy valoriza também os outros modos, especialmente o imperativo, que ele descreve como “mais curta, simples, invariante e descomplicada forma verbal” (ROSENSTOCK-HUESSY, 2002, p. 126). O autor defende que o modo imperativo não apenas é um comando para o ouvinte, mas também “estende uma ponte para o futuro”, em especial para as revoluções, sendo responsável pela manutenção da história humana (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 118). Assim, Rosenstock-Huessy (2002, p. 128) destaca a importância desse modo.

O imperativo é tão rico quanto curto. Em latim, as formas imperativas *fer, tolle, lege, sta* [port. “leva”, “toma” e “lê”, “detém-te”] denotam um ouvinte a quem se confia um verbo e é creditada uma ação futura, além de denotarem o tipo de ação. A forma mais curta de qualquer verbo expressa três fatos: que alguém recebe um convite à ação; que o ato está no futuro; que o ato é de natureza específica. A forma imperativa do verbo preserva a camada mais antiga da linguagem humana.

Rosenstock-Huessy (2002, p. 136-137) ainda relaciona o lírico com o imperativo, descrevendo o entusiasmo como lírico, pois “põe-se entre o dramático e o épico”. Assim, o autor diz que é “dada uma ordem, e precisamos de ‘moral’ para executá-la. Como se dá isso? Devemos estar em fogo. O entusiasmo é necessário para o sucesso”. Ou seja, o lírico trata da razão para a ação. Para que o fogo do entusiasmo produza canção, deve “originar-se da pura luz da razão inspirada”, pois “a mera paixão bruta gera o vício” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 138). Por isso, ele justifica as formas gramaticais e o lugar lógico da lírica entre o imperativo e o relato,



pois isso “permite que os homens estejam em fogo sem se tornar brutos” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 137).

Rosenstock-Huessy (2002, p. 141) declara que o modo narrativo

vale-se de todos os meios possíveis para mumificar o imperativo. [...] Em todas as línguas indo-europeias, a reduplicação da forma original expressava o narrativo ou o particípio em um relato. O imperativo é conciso, pungente; a pungência é concisa. O narrativo é rombudo, extenso.

Segundo Carvalho (2002, p. 115, n. 11), Rosenstock-Huessy faz uma crítica direcionada à concepção da moderna escola analítica, dominante no meio acadêmico norte-americano em que ele estava inserido. Rosenstock-Huessy (2002, p. 125) reprova a moderna teoria da linguagem pelo vácuo que ela deixou, pois, segundo ele, desonra a linguagem, o pensamento e a ação. Ele argumenta que “nenhuma sociedade conhece ato social algum sem a divisão de trabalho dos marxistas ou o Verbo dos cristãos”. Por isso, afirma que ambos estão certos e que “não há ação social que se possa contrastar com a linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 125). O autor destaca a terceira pessoa do plural de forma diferente da que os gramáticos empregam o termo. Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 142-143), a terceira pessoa do narrativo indubitavelmente foi criada “para pessoas reais, não para coisas mortas”, isto é, para falantes participantes da vida social. Ou seja, ela concerne à relação histórica e não se limita a ser puramente numérica.

Nossos lógicos tratam-na [terceira pessoa] como seu domínio para afirmações abstratas. [...] O caráter das sentenças de juízo é elíptico, e daí lhes deriva a incompletude. São incompletas a despeito de seu caráter alegadamente racional ou razoável. A lógica das escolas tira proveito de sua qualidade elíptica para simplificar a verdade até que se torne um pirulito da verdade. Não se pode expressar nenhuma verdade relevante nas afirmações elípticas da lógica porque elas omitem características decisivas: eliminam-se as referências a tempos e pessoas (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 143).

Rosenstock-Huessy (2002, p. 143) menciona que a base de discussão da lógica desde o quarto século a. C. são as sentenças de julgamento como em “isso é um assassinato”, o que é contrário à verdadeira sequência do processo da linguagem gramatical, pois começa pelo fim. Em defesa do real processo, Rosenstock-Huessy (2002, p. 144) propõe que a lógica dele “comunica mais, é mais rica em conteúdo,



mais duradoura em vida, mais certa no tempo”. O autor condena a negligência do elemento temporal pela falácia da lógica quando trata da relação entre um e muitos:

Os numerais vêm ao final; expressam nossa fé na recorrência não de atos isolados, mas na de ciclos inteiros de vida. Quando digo “dez homens”, falo na verdade em dez biografias, em dez tempos de vida. Se digo “dez verões”, refiro-me a dez ciclos coroados por verões. [...] Quem diz “isto é uma resposta” transcende o foi, o é e o será dos três modos da linguagem pelo resumo do que é, do que será e do que foi. (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 150).

Vestuário e ritual

No sétimo capítulo (“Vestuário e Linguagem”), Rosenstock-Huessy (2002, p. 166-168) argumenta que o vestuário é “tão universal na espécie humana quanto a linguagem”, pois “o vestuário expressa um novo estado ou condição”, uma vez que “a roupa não só cobre, mas também substitui o corpo”, já que toda vez que “mudamos” de “hábito”, “mudamos também nosso papel social, nosso corpo”. Conforme Rosenstock-Huessy (2002, p. 168-169), o vestuário desempenha o papel de determinar a posição e o papel da pessoa na sociedade, como, por exemplo, uma enfermeira que traja um jaleco e transmite a expectativa de que detém o poder de exercer sua função. Trata-se de uma “relação triangular entre o portador, os espectadores e o traje” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 169). Ao abordar o processo da sucessão de um chefe após a morte, o autor acaba elevando a posição do homem, relegando à mulher o papel de “desesperar-se”, enquanto o homem ergue-se “à altura da ocasião”, construindo túmulos, proclamando o nome do morto e investindo seu sucessor “do poder de seu nome” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 173-174).

No capítulo oito (“Ritual”), Rosenstock-Huessy (2002, p. 175) explicita que “a polaridade de vestuário e linguagem é a polaridade do ‘antes’ e do ‘depois’”. Segundo ele,

o homem não pode sobreviver sem enquadrar-se constantemente em novos padrões. Logo, investidura e registro são atos indispensáveis para a vida na Terra. [...] Em sua unidade de vestuário de linguagem, chamamo-los ritual. Em sua polaridade, chamamo-los “cerimônias” e “acontecimentos da história. [...] A vida humana não é nua nem anônima. É ritualística. Ela atinge a completude em cerimônias e monumentos. Nosso corpo natural não tem função social. Entramos no corpo social graças ao vestuário que representa um corpo temporário (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 175-176).



O filósofo acrescenta que um ritual em geral demora para ser realizado, pois “encena o para sempre” e forma, além disso, uma “taça de tempo de promessa e cumprimento” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 190). Rosenstock-Huessy (2002, p. 189) considera, de fato, que “o ritual representa, incessantemente, a primeira vitória sobre a mudez”, pois é com o ritual que obtemos uma “ordem duradoura, que ultrapassa em muito o momento”.

No capítulo nove (“Gramática e Ritual”), o autor fala da gramática e do ritual e cita que, “quando se inicia o ritual, os ouvintes são mais importantes que os oradores” e “a maior impressão do primeiro ato de um ritual é normalmente a de que uma voz vai falar conosco”, pois, “em qualquer ritual pungente, deve-se conceber a assembleia como a segunda pessoa gramatical, a pessoa com quem se fala”. Por isso, “não há ‘eu’ no imperativo; há um ‘tu’ no coração de cada ouvinte” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 195). Para o autor,

a verdadeira história do espírito humano sempre começa por nossa assimilação de um imperativo [...] sou um ‘tu’ para a sociedade muito antes de ser um ‘eu’ para mim mesmo. Essa ordem própria das pessoas gramaticais da alma encontra-se em qualquer ritual. [...] Somos vocativos, e não nominativos. [...] A saúde mental depende dessa relação entre primeiro escutar e depois tornar-se falante. (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 196).

Rosenstock-Huessy (2002, p. 197) cita como exemplos de rituais a arte, a ciência, o direito, a religião, os esportes e a educação, os grandes rituais que funcionam como a gramática da sociedade e que ainda nos mantêm organizados.

No capítulo dez (“Pergunta e Resposta”), para o ensino moderno de línguas, Rosenstock-Huessy (2002, p. 201) diz que o jogo de pergunta e resposta é o que predomina e o tipo mais comum de pergunta é aquela que simplesmente pede uma informação. Algumas perguntas indicam incertezas do falante com relação a um dos elos da frase. De fato, para ele, a pergunta tem função geralmente preliminar, pois prepara a pessoa para falar ou para pensar (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 203).

Segundo o autor (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 205), “desde o início dos tempos, a linguagem tem buscado formas de vestir da verdade a vida inteira do indivíduo” sendo que “a ‘primeira pessoa’” teria aparecido na gramática “pela força de um juramento”. O autor descreve, assim, o impacto que a linguagem tem desde o início dos tempos e afirma que, “no inglês moderno, as flexões verbais quase



desapareceram de todo, e todo o encanto da gramática retirou-se para a ortografia” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 205-206).

Para o autor, “o lugar mais autêntico das perguntas mais desesperadoras é a prece. [...] Qualquer invocação pretende resgatar o questionador, dar-lhe plena estatura, direção e orientação em seu ritual. A prece direciona, ilumina, institui aquele que tem que falar com autoridade” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 208).

Qualquer ritual e, por conseguinte, qualquer linguagem formal, tenta assegurar a autoridade do comandante ou orador, a sinceridade de seu povo ou ouvintes, e a verdade das declarações a que respondem tanto o comandante como o povo. Ritual e linguagem formal devem realizar essas três coisas (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 210).

Haveria três conjuntos de perguntas capazes de iluminar qualquer sentença. Desse modo, quando a luz de uma sentença perde a intensidade, pode ser recuperada por um desses conjuntos especiais de perguntas que, segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 211), são: as perguntas quis e quid, “quem” e “quê”, que preenchem a lacuna existente em dada sentença; as promessas, juramentos ou perguntas de garantia, que põem a testemunha por trás de seu depoimento; e, finalmente, as invocações e preces, que autorizam quem pergunta a falar “em nome da” liberdade, decência, ciência, poesia ou verdade.

Para ele, “as perguntas e respostas têm a função de recuperar o fluxo do drama da linguagem”, sendo que “os indivíduos deixam de ser indivíduos a partir do momento em que falam” e “com a renúncia da natureza individual”, “criam uma segunda natureza, comum a todos” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 211-213).

No capítulo onze (“O Trivium e os Símbolos”), Rosenstock-Huessy (2002, p. 217-218) oferece alguns insights que abrem três novas vias práticas para tratar da trivium formada por língua, literatura e lógica: a primeira leva a um método diferente de ensino de línguas (seja materna ou estrangeira), que deveriam ser aprendidas como línguas elevadas antes de se enfatizar o seu uso coloquial; a segunda via conduz à história, pois as várias camadas da linguagem representam grandes épocas da história; e a terceira via conduz à lógica, uma vez que o discurso racional pressupõe o discurso ritualístico. Rosenstock-Huessy (2002, p. 219) comenta que, antes de 1.500, a teologia, o direito e a medicina eram ciências de Deus, da sociedade e do corpo, enquanto o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia) e o *trivium* (gramática, retórica e lógica) não passavam de meras ferramentas auxiliares.



Ao se questionar sobre o que é símbolo, o autor declara que “símbolos são fala cristalizada. E a fala cristaliza-se em símbolos porque, em seu estado criativo, é metafórica. Símbolos e metáforas relacionam-se com a juventude e a velhice da linguagem” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 219), pois “os símbolos representam o estado ‘real’ ou principal de uma pessoa a despeito de quaisquer aparências” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 221). Rosenstock-Huessy (2002, p. 222) afirma que não há símbolo sem fala e que os símbolos reiteram o fato de que a fala visa à verdade de longo alcance e que a linguagem humana é metafórica por definição, uma vez que “a consciência não funciona senão quando a mente responde a imperativos e utiliza metáforas e símbolos” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 219).

Saúde gramatical

Rosenstock-Huessy (2002, p. 231) explica a comunicação, no capítulo doze (“Saúde Gramatical”), como uma ferramenta necessária para a vida do ser humano, pois “necessitamos que alguém nos dirija a palavra, senão enlouquecemos ou adoecemos”; portanto, “a primeira condição para a saúde é que alguém fale conosco com sinceridade de propósito, como se fôssemos únicos”.

Ele também ressalta a importância de se ter uma relação exclusiva e pessoal com você mesmo antes de se ter uma relação pessoal com outra pessoa. Por isso, diz que

os psicólogos abominam a exclusividade e proclamam que é pecado dizer “ama-me” e “amo exclusivamente a ti”, e tentam fazer as crianças viverem o segundo nível das relações pessoais antes de terem experimentado o primeiro nível, o das relações exclusivas e pessoais. Esse preconceito contra a invocação exclusiva está destruindo a saúde gramatical do homem (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 233).

Mesmo falando de vários temas como o imperativo, o lírico e outras formas gramaticais, o autor ressalta o uso do vocativo e lamenta que

o papel do vocativo é tão pouco entendido hoje quanto o do imperativo. Poucas pessoas prestam atenção ao fato de que todas as línguas têm vocativos especiais. [...] Suprimindo o entendimento do vocativo como necessidade universal. [...] Pois não falamos de coisas mortas, mas para pessoas vivas. (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 235).



O autor defende que “o vocativo, a invocação e a apelação pertencem-se uns aos outros, só que o vocativo e a invocação não tiveram na linguística a parte que lhes cabe. [...] Os vocativos fazem algo aos falantes: trazem-nos para fora” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 236). É por conta dessa necessidade de comunicação que “o casamento seria impossível sem tal correlação entre vocativo e imperativo. O falante vive no vocativo; o ouvinte vem à vida no imperativo” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 238).

Rosenstock-Huessy (2002, p. 242) explica, com detalhes, o que é saúde gramatical:

A saúde gramatical é a saúde da transubstanciação da mudança substancial. Pois é nossa substância mesma que é mudada quando vamos do vocativo ao nominativo, da apelação à classificação. A saúde gramatical inclui tanto a morte do espírito como seu nascimento. A saúde gramatical aceita o fato de que o espírito deve morrer para, depois, elevar-se novamente [...]. Uma alma saudável, no ritmo próprio de sua realização, trata-se a si mesma por tu religiosamente, por eu poeticamente, por nós socialmente, por aquilo, ele ou ela cientificamente (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 250).

De acordo com Carvalho (2002, p. 253, n. 2), no capítulo treze (“*Genus* [Gênero] e Vida”), “boa parte do debate atual sobre gêneros, multiculturalismo, alteridade etc. não passa de uma coleção de degradações de ideias de Rosenstock. Eugen Rosenstock-Huessy é o legislador não reconhecido da pós-modernidade” (Carvalho, 2002, p. 253).

Essa avaliação provavelmente emane da alegação de Rosenstock-Huessy (2002, p. 254) de que “não compreenderemos o gênero nem os deuses se não percebermos que, desde o começo, os sexos masculino e feminino são empregados pela linguagem para indicar divisões mais universais que a mera divisão em macho e fêmea no sentido psicológico”.

O autor nos leva a crer que, por conta da história, “originalmente, a distinção de gênero não se empregava para masculino, feminino e ‘neutro’, servindo apenas para distinguir os objetos ‘animados’ de ‘inanimados’” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 255). Porém, ele defende que

parece erro de nomenclatura dividir as classes de gêneros em objetos “animados” e “inanimados”. Não há objetos “animados”. A divisão é entre sujeitos e objetos. Ser animado significa ser sujeito. Nossa



divisão é entre os que participam da conversa animada e os objetos que não o fazem (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 255).

Por fim, ele conclui que

os livros gramaticais falam do neutro como terceiro sexo. Mas no mundo dos corpos animados há somente dois sexos. O neutro não tem sexo. Essa conclusão pode parecer tola, mas é de grande importância. Hoje a ciência objetiva trata a todos como neutros, como criaturas sem boca nem ouvido. [...] Os gêneros são portadores de vida. Os neutros são, por exemplo, os gêneros alimentícios e os instrumentos. (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 260-261).

Segundo Stahmer e Gorman-Thelen (2002, p. 263), a “a gramática é um espelho dos estágios da experiência humana” e “a saúde gramatical requer a habilidade de comandar, a habilidade de ouvir, a habilidade de agir e, finalmente, a habilidade de nos libertar do comando, contando a nossa história”.

Rosenstock-Huessy nos fornece “um método para nos ajudar a compreender nossa história” e, com isso, “a experiência gramatical nos transforma”, com “a esperança de uma cooperação e um entendimento mais bem-sucedidos” (Stahmer; Gorman-Thelen, 2002, p. 264).

TRADUÇÃO COMENTADA DOS TEXTOS INÉDITOS DE ELLEN G. WHITE

Nesta seção, apresentamos primeiramente o manuscrito inédito de Ellen G. White sobre o Dr. John H. Kellogg (1852–1943) (Hayward, 1996, p. 851) e, em seguida, a última carta que ela dirigiu a ele, mas que, aparentemente, nunca lhe foi entregue. Oferecemos, então, uma tradução desses documentos com comentários esclarecedores no rodapé, especialmente sobre o contexto em que Ellen G. White escreveu os textos e as dificuldades encontradas em sua tradução.

Textos originais na íntegra

No primeiro dos dois manuscritos, de 1904, Ellen G. White reclama que o Dr. John H. Kellogg carecia de genuína conversão. Na época em que ela o escreveu, o Dr. John H. Kellogg estava fazendo experiências com princípios de vida que não condiziam com aqueles em que a autora acreditava. Ela compara o Kellogg do passado com o do presente, dizendo que o médico havia se tornado egocêntrico e afetado pelas políticas mundanas.



Um ano antes, Kellogg havia publicado o livro *The Living Temple*, no qual aborda teorias panteístas com princípios contrários àqueles que White defendia. A obra descreve o conceito de “Deus” como “Energia Plena” (*All-Energy*) e o retrata como um Ser impessoal que permeia toda a natureza. De fato, Kellogg afirma que “Deus é a explicação da natureza, não um Deus alheio a ela, mas que se manifesta na natureza por meio dos objetos, movimentos e fenômenos variados do universo e em todos os seus elementos” (Kellogg, 1903, p. 28-29, tradução nossa).

O manuscrito, “J. H. Kellogg in Need of Conversion; God’s Law the Standard of Righteousness” (MR No. 1074), faz um alerta sobre o que poderia acontecer caso Kellogg continuasse com sua postura. White menciona, então, algumas passagens bíblicas, como Hebreus 3:7-13, Hebreus 2:1-3, Apocalipse 20:1-3 e Gênesis 3:15, para mostrar o que aconteceria. No fim do manuscrito, ela diz que Deus permite conflitos onde antes existia união para que, através de Seu poder divino, as energias sejam renovadas. Desta forma, White afirma que só Ele pode dar uma nova mentalidade ao ser humano. Por fim, aconselha Kellogg a voltar ao que ela chama de “caminhos de Deus”.

O segundo texto, “Ellen G. White’s Attitude Toward Dr. Kellogg in 1907” (MR No. 1071), escrito por volta do ano de 1907 e copiado em 21 de novembro de 1911, é uma das várias cartas que White escreveu a Kellogg com o intuito de ajudá-lo a continuar nos “caminhos de Deus”. Em muitas dessas cartas, ela lhe faz advertências sobre o que poderia acontecer caso ele desviasse desses caminhos ou tomasse para si toda a glória de seu sucesso, desmerecendo, assim, a obra de Deus em sua vida.

Essa carta de White, sua última tentativa de ajudar Kellogg, é um apelo emocional e reflete sobre o modo como suas atitudes estavam afetando a própria vida, a dos que seguiam a Deus e a obra que Deus poderia realizar. Ela implora para que ele se arrependa das escolhas que fez e diz que sua última esperança é que ele se converta e volte para os “caminhos de Deus”, afastando-se das coisas mundanas, das organizações não religiosas e das ideias em que ele aprendeu a acreditar. Ela termina a carta dizendo que como anseia por sua conversão.

J. H. Kellogg in Need of Conversion; God’s Law the Standard of Righteousness (MR No. 1074)

The past night has been one of great mental anxiety. I am cautioned to make no abrupt movements. The work that we are now doing right where we are is a work that will reach thousands. The Lord would have



me place in print those things that must come before the people. Matters are becoming confused and tangled up. Dr. Kellogg's last movement speaks for itself. He has disregarded the light that the Lord has given. And can his associates, those who are supposed to be helping him to see himself as God sees him, be standing in the light? No, no. (13MR 377.1)

In the past, it has been that Dr. Kellogg would make any kind of a shift or statement rather than make a full, thorough confession. The evil adviser still has power over Dr. Kellogg, who is a man that God would save and work through, if He could; but Dr. Kellogg has become self-centered, exalted by worldly policy. In order to save, as he thinks, his reputation, he will do as he has done in the past—influence men in responsible positions and then leave them to work out the difficult problems. The men who undertook to build the Boulder Sanitarium were not prepared in religious efficiency or in business capacity to carry forward the work. And Dr. Kellogg hides behind those who have made so great a mistake as to invest means so largely in one place. (13MR 377.2)

This is what was done. Means was tied up fast, and a very strange work was done. There has been too much human invention, and this has left the work where it consumes but does not produce. (13MR 378.1)

How long shall the testimonies of warning be rejected for the wisdom of men? There are many things that I have not wanted to specify, but I am compelled to do this by the course that Dr. Kellogg takes. The last move made—the sending out of Living Temple—is a sample of the working of the man's mind. He makes the statement that he cannot see in Living Temple the things that I have said are there. Why can he not see them? Because his mind is being worked by the very one who seduced the angels of God in the heavenly courts. (13MR 378.2)

The efforts that Dr. Kellogg makes to call the youth to Battle Creek, notwithstanding the plain testimonies that have been given, show that he is working under the advice of the one who talked with Eve. Through this subtle reasoning the future of the cause is imperiled. I shall now have to be far more explicit than I have been in the past. I shall be compelled to make statements that I have not wanted to make, but I must be more explicit in order save the flock of God from deceptive influences. (13MR 378.3)

The Lord did not plan for any such company of people to be gathered at Battle Creek as are gathered there. The result will be confusion and unbelief and distrust of the messages that God sends His people. (13MR 378.4)

If Dr. Kellogg continues to stand in the position that he is now in, there may be a necessity of doing the very work that the Lord has in the past inspired His messengers to do, in order to save the largest number of souls from the satanic influences that would lead them astray. The world's opinion will oppose the very work that must be done in order that the safety of the flock of God shall not be imperiled. (13MR 378.5)

The fact that men whom I might name are imperiled by the sophistries that are coming in at this time, shows that a power from beneath is making its imprint on human minds. Every movement made now is to be carefully guarded, for the forces of Satan have minds under their control and will strive through them to unsettle faith in the experience of the past, which bears the signature of Heaven. The



delusive influences working upon human minds are of a character to unsettle the faith of the people of God in the experience of the past, which has borne the signature of Heaven. The delusive influences working upon minds are of character to unsettle the faith of the people of God in true Bible testimonies. (13MR 379.1)

In His Word the Lord declared what He would do for Israel if they would obey His voice. But the leaders of the people yielded to the temptations of Satan, and God could not give them the blessings He designed them to have, because they did not obey His voice but listened to the voice and policy of Lucifer. This experience will be repeated in the last years of the history of the people of God, who have been established by His grace and power. Men whom He has greatly honored will in the closing scenes of this earth's history pattern after ancient Israel. (13MR 379.2)

"Wherefore (as the Holy Ghost saith, Today, if ye will hear His voice, harden not your hearts, as in the provocation, in the day of temptation in the wilderness: when your fathers tempted Me, proved Me, and saw My works forty years. Wherefore I was grieved with that generation, and said, They do alway err in their heart; and they have not known My ways. So, I swear in my wrath, they shall not enter into my rest.) Take heed, brethren, lest there be in any of you an evil heart of unbelief, in departing from the living God. But exhort one another daily, while it is called Today; lest any of you be hardened through the deceitfulness of sin." [Hebrews 3:7-13]. (13MR 379.3)

Bear this in mind. History is being repeated. The perils that God's people encountered in past ages, they will encounter again, intensified. Satan has obtained influence over men whom God has honored above all human intelligence, as He honored Solomon. (13MR 380.1)

"Therefore, we ought to give the more earnest heed to the things which we have heard, lest at any time we should let them slip. For if the word spoken by angels was steadfast, and every transgression and disobedience received a just recompence of reward; how shall we escape, if we neglect so great salvation; which at the first began to be spoken by the Lord, and was confirmed unto us by them that heard Him?" [Hebrews 2:1-3]. (13MR 380.2)

Christ was superior to the angels; His ministry was more excellent than theirs; therefore, we ought to give the more diligent, earnest heed to the words spoken. The things that had been spoken by priests and rulers had become leavened with erroneous theories. The gospel of the Old Testament had been misinterpreted by the teachers who had desired to fit the presentation with their condition spiritually in the place of exalting truth and laboring to bring the people who claimed to be the chosen of God, up to the holy principles given by Him. Christ came to give the gospel in its purity and its true bearing, and all are to show their esteem of His teaching. (13MR 380.3)

The Lord was leading His people back to the real truth. The Scriptures show the loss they had sustained and would continue to sustain unless they went back to the Word, refusing to let anything they had heard slip from their memory. They were to remember that the words spoken by Christ in His earthly ministry in no case contradicted the words spoken by Him to Moses, to be given to the people. They are to give "the more earnest heed," to cherish every ray of light given, to



eat the flesh and drink the blood of the Son of God, accepting and applying the words of the Old and New Testaments. (13MR 380.4)

Unless we give the most earnest heed to the Word of God, human minds will work up theories according to their own deficient practices, and will misrepresent and misapply a "Thus saith the Lord." A departure from the great principles Christ has laid down in His teachings, a working out [of] human projects, using the Scriptures to justify a wrong course of action, will confirm men in misunderstanding, and the truth that they need, to keep them from wrong practices, will leak out of the soul like water from a leaky vessel. (13MR 381.1)

Thus, it is in our time. A departure from right principles will blind the understanding as to what is truth. The holy law of ten commandments, written on tables of stone by the finger of God, and placed in the ark, is the standard of righteousness. Before the obedient and the disobedient it will appear in the last great day, and all the wicked will be convicted. They will see that their actions proceeded from a depraved character. They will see that the part they acted served to carry on the rebellion begun in the heavenly courts. They will see all the cruelty and all the wickedness that have dishonored their Creator and brought about the wretchedness that fills the world. (13MR 381.2) The law that they disobeyed was their life. Obedience to it would have made their characters as fine gold, their principles as the golden wedge of Ophir. The law that they chose to disregard and trample under foot would, if obeyed, have kept them in happiness and peace, and obedience would have borne fruit in sanctified love and beauty of character. The world would have been filled with holiness and purity. (13MR 382.1)

Were the church of Christ today what it should be, older and younger believers would be united in the bonds of holy fellowship, free from all the lawless, tainted sentimentalism of Satan's creation. (13MR 382.2)

Those who refuse the testimonies God has sent them are not eating the flesh and drinking the blood of the Son of God. The character developed tells its history to the end. Through the refusal to receive correct principles, and the corruption of human nature, Satan works by his sophistry to deceive if possible the very elect. Through subtlety he steals away the influence of the words of life, and truth, precious truth, is not of half as much consequence to men as their ambitious purposes. (13MR 382.3)

After seducing Adam and Eve, Satan was sentenced [This sentence which was implemented partially at the crucifixion, will be executed fully at the beginning of the millennium. See Revelation 20:1-3, Where "The bottomless pit" Represents this earth in A chaotic state. See also Early Writings, 39-40, 290; The Great Controversy, 485, 657-661; The S.D.A. Bible Commentary 5:1149, 1150; The Desire of Ages, 761] to confinement to this globe. "I will put enmity between thee and the woman, and between thy seed and her seed; it shall bruise thy head, and thou shalt bruise His heel" [Genesis 3:15]. This curse has reference chiefly to the originator of sin, the devil, and not to the serpent, the medium. Satan and his associates fell under the curse. (13MR 382.4)

Unless man is given the converting grace of heaven, he will have no disposition to oppose Satan's counsels, and will become the enemy's



willing dupe. It is God alone who puts enmity to sin in the human heart. The Lord gives man a new mind. He causes the conflict that will not submit to Satan's deceptive reasoning. It is God who makes a conflict where heretofore there has been unity of action. It is the Lord's purpose that depraved human nature should, through His divine power, be provided with a renovating energy. (13MR 383.1)

Ellen G. White's Attitude Toward Dr. Kellogg in 1907 (MR No. 1071)

I beg of you no longer to stand apart, and think that the meeting you designed to have in Battle Creek would have been what you represented that it would be. You had every opportunity at Berrien Springs, and yet you were so fully under the control of another spirit that you could not discern how far you were from God. I think you are still unable to see that you yourself have hindered the work of God for years. I know better than anyone else can know that you have worked in various ways to hinder the workers, so that they could do nothing to advantage. The Lord forbids that the representation you would now put upon the past should be regarded as true. (13MR 366.1) I have seen no way in which we could honor God but to separate from you and your associates, and take a decided stand against your sophistries. I know where the people of God should stand, and I am sure that when you are worked by the Spirit of God you will make thorough work for repentance. You have long carried things in your own way, and your only hope is to be converted, and then try to save your associates. (13MR 366.2)

Your course of action has nearly cost me my life, but my greatest sorrow is the thought of the souls that might have been saved but are lost to the cause of God. (13MR 366.3)

If you have not yet escaped from the snare that Satan laid for your soul, I have nothing on which to build hope in regard to your case. You have been led and controlled by satanic agencies, and you do not break with the enemy. He holds his power over you firmly. At one time you make statements that are not true, and then at another time you say something that means exactly the opposite. "How long halt ye between two opinions? If the Lord be God, follow Him." It is time that you made the move which you have not yet made. Separate yourself from the evil influences that have controlled you. You have brought yourself into hard places. You have come to the point of breaking, but have drawn back. Will you not now make a decided break with the enemy? This is your only hope. (13MR 367.1)

Because of your course of action the cause of God has been brought into financial embarrassment. You would not have done this had you heeded the word that God sent you, had you fallen on the Rock and been broken. Unless you do this, the embarrassment must continue. You have made lawyers your wisdom, and there are those who will be driven to desperation in an effort to make the most of their only hope—to secure justice by law. What can those do who are trying to the utmost of their ability to relieve this embarrassment? You know in regard to the situation, and yet you have not made any effort to relieve it, but have done that which has caused it to become more and more complicated. (13MR 367.2)



In the prosecution of your work you have loaded yourself with responsibility after responsibility. With the strength of your determined mind you have risked your own soul, and by your unfaithful stewardship have brought great hindrance upon the work and cause of God. You have placed yourself where your brethren could not sustain your management. They have felt great reluctance to have the cause of God bear the reproach and stigma that must come upon it. All this time warnings have been coming to you, but they have been unheeded, because Satan controlled your faculties. (13MR 367.30)

There is a time when the work of God must be vindicated. God has given you encouragement again and again to make a change of leaders. Break away from worldly, satanic agencies, from worldly lawyers, and from the ideas that you have educated yourself to believe. The time has come when something will have to be done quickly. Men and women have been duped by your inventions. (13MR 368.1)

When you hear of words spoken that place you in an unenviable position, you are provoked. But you have not broken with Satan. You have parleyed with him, and efforts must be made to relieve the situation. Crooked paths must be made straight. You would be regarded by some as a fraud, entrusted with great responsibilities and yet unfaithful to the trust. God has been dishonored, and His cause betrayed into apparently insurmountable difficulties. (13MR 368.2)

All these matters are to be investigated. No soul is secure in any false way. I have looked upon you as a blind man, partially unbalanced in mind. This you must be or you would never have done as you have. There was presented before me a scene in which you were holding a conversation with Brethren Prescott and Daniells, presenting before them in the most subtle manner the enemy's reasoning in regard to the work God has given me. The evil angels were close by you while you were making these representations of me and my work. Brother Daniells and Brother Prescott were both confused, and for a time regarded the work God had given me as a mystery. (13MR 368.3)

I saw that they were in terrible conflict as to whether to take their stand for or against the light that God has permitted me to bear to the world. It seemed to me like a life-and-death question. I cannot describe it, but the conflict was a terrible one. The seductive presentations framed by satanic agencies were presented by subtle reasoning, and their minds had well-nigh become overwhelmed when a heavenly messenger let light shine forth. There came to them the thought, "Review the past experience of the people of God; review the history of the work from the first, as if you were beholding it in a mirror. Has this work been what it has been represented to you to be?" (13MR 369.1)

Then another and still another scene was presented before them by the heavenly messenger, until they saw truth bearing the signature of the heavenly in the past, then present, and still more decidedly in the future. The words were spoken, "Strait is the gate, and narrow is the way, that leadeth unto life, and few there be that find it. Broad is the road and wide is the gate that leadeth to destruction, and many there be which go in thereat". (13MR 369.2)

Christ our Savior came to the world to seek and save that which was lost. "God so loved the world, that He gave His only begotten Son, that whosoever believeth in Him should not perish, but have everlasting life." During every moment of Christ's life in our world,



God was repeating His gift. Christ, the sinless One, was making an infinite sacrifice for sinners, that they might be saved. He came as a man of sorrows and acquainted with grief, and those for whom He came looked upon Him as stricken, smitten of God, and afflicted. The cup of suffering was placed in His hand, as if He were the guilty one, and he drained it to the dregs. He bore the sin of the world to the bitter end. And yet men continue to sin, and Christ continues to feel the consequences of their sin as if he Himself were the guilty one. (13MR 369.3)

Did the Father hear the cry of His Son in His agonized humiliation, "My God, My God, why hast Thou forsaken Me?" That cry, wrenched from the divine Sufferer in that hour of anguish, was an appeal to the Father. No line can fathom, no measurement compute, the love revealed by the cross of Calvary. We could understand it more fully if we were capable of seeing it as it is. (13MR 370.1)

In every pang of anguish endured we behold the throes of paternal love. The Father Himself travailed in the greatness of His almighty love in behalf of a world perishing in sin. By the sacrifice that has been made, the gift of eternal life has been placed within the reach of every son and daughter of Adam. (13MR 370.2)

You may see the Lord looking pityingly upon you. If you will cast yourself upon His mercy, crying, "Rock of Ages, cleft for me, let me hide myself in Thee," He will receive and pardon you. When you take your stand truly and humbly before God, then, and then only, will you be received by Him. My soul has longed to see you separating from every false dependence, and casting your helpless soul on Christ. Without delay make sure that your feet are placed upon the sure foundation. Then you will no more compromise with any evil work. (13MR 370.3)

Tradução e comentários

Os escritos de Ellen G. White, embora pertencentes majoritariamente ao século XIX, são de uma linguagem relativamente fácil de entender. Mesmo assim, a tradução que oferecemos se pauta pelo desejo de deixar o texto facilmente inteligível sob a perspectiva moderna. Por outro lado, prezamos pelo equilíbrio e respeito ao texto. No caso de alguns termos arcaicos, optamos por recorrer ao serviço virtual gratuito de tradução Reverso. Além disso, para a tradução, usamos também o Google Tradutor e dicionários online.

J. H. Kellogg e sua necessidade de conversão; A lei de Deus como padrão de justiça (MR n. 1074)

Manuscrito 5, 1904
Santa Helena, Califórnia
20 de janeiro de 1904

A noite passada foi repleta de ansiedade mental. Aconselharam-me a esperar que a situação acalmasse, pois o trabalho que estamos



realizando alcançará milhares de pessoas. O Senhor deseja que eu publique as coisas que hão de sobrevir ao povo. A situação está ficando difícil e conturbada: a última atitude do Dr. Kellogg fala por si. Ele desprezou a luz que o Senhor concedeu. Além disso, seus colegas,⁴ que deveriam ajudá-lo a se ver como Deus o vê, estão firmes na luz? Não, não. (13MR 377.1)

No passado, já aconteceu que o Dr. Kellogg recorreu a certas evasivas ou subterfúgios ao invés de proferir uma confissão completa e minuciosa. O mau conselheiro ainda tem poder sobre o homem a quem Deus,⁵ se pudesse, salvaria e por meio do qual realizaria Sua obra; mas o Dr. Kellogg se tornou egocêntrico, enaltecido pelas políticas mundanas. A fim de, como ele mesmo imagina, salvar sua reputação, fará o que fez no passado: influenciará chefes de setores e os incumbirá da resolução dos problemas mais complexos.⁶ Os homens que se comprometeram a construir o Sanatório de Boulder não estavam preparados a nível religioso ou profissional para levar adiante o trabalho.⁷ O Dr. Kellogg se esconde atrás daqueles que cometeram tamanho erro a ponto de investir tantos recursos em um só lugar.⁸ (13MR 377.2)

Foi isso o que aconteceu. As coisas aconteceram depressa e realizou-se um trabalho muito estranho. Houve muita invenção humana,⁹ o que resultou em um trabalho que consome, mas não produz. (13MR 378.1) Por quanto tempo a sabedoria humana vai rejeitar os testemunhos de advertência? Há muitas coisas que eu não queria mencionar, mas sou obrigada a fazê-lo por causa do rumo que o Dr. Kellogg toma. Seu último ato, a distribuição do **The living temple**, é uma amostra do funcionamento da mente humana. Ele declara que não vê em **The living temple** as coisas que afirmei que estão lá. Por que ele não as vê? Porque sua mente está sob o domínio do mesmo ser que seduziu os anjos de Deus nos átrios celestiais.¹⁰ (13MR 378.2)

⁴ Aqui, a referência se aplica provavelmente aos médicos do Sanatório de Boulder que trabalhavam mais intimamente com Kellogg e aos amigos da Associação Geral da IASD: O. A. Olsen, I. H. Evans e J. I. Gibson, que eram integrantes do comitê responsável pelos assuntos do Sanatório de Boulder (Nicola, 1986, p. 709).

⁵ É provável que a referência de Ellen G. White seja a Satanás, cuja influência mundana ela considerava que estivesse influenciando o médico. A conclusão vem do fato de que Ellen G. White assim se referiu a Satanás em outros escritos como, por exemplo, quando disse que “Satanás tem sido o conselheiro de alguns” (White, 2007a, v. 4, p. 479).

⁶ White se refere às pessoas de alto nível, pessoas com cargos importantes tanto nos sanatórios de Battle Creek e Boulder, quanto na Associação Geral, como, por exemplo, os integrantes do comitê do sanatório de Boulder: O. A. Olsen, I. H. Evans, J. I. Gibson (Coon, 1990, p. 23).

⁷ Localizado no estado do Colorado, o Sanatório de Boulder foi construído em 1896 sob o monte cujo nome é de origem latina, Monte Sanitas, que quer dizer “sanidade” ou “saúde”. Inspirado no sanatório de Battle Creek, funcionou até 1940. Em 1970, transformou-se no hotel “Boulder Inn”, que ainda preza pelos ensinamentos de saúde do Dr. Kellogg. Em seu site, o hotel conta a história do sanatório e seu apreço pelo Dr. Kellogg (Harrington, 2018).

⁸ Em 1895, a IASD adquiriu cerca de 36 mil hectares na colina acima de Mapleton. Os homens aos quais White se refere eram os integrantes do comitê do sanatório de Boulder: O. A. Olsen, I. H. Evans e J. I. Gibson. O valor gasto para construir o Sanatório de Boulder foi de 80 mil dólares, sendo que a Associação Geral forneceu 60 mil (Coon, 1990, p. 23).

⁹ Na assim-chamada Carta 199 de 15 de outubro de 1901, White (2021a) se refere ao que considera como interferência humana nos planos para o sanatório. Segundo ela, o Dr. Kellogg e seus associados não estavam sendo inspirados por Deus.

¹⁰ White se refere ao que ela denomina de um grande conflito entre Deus e Lúcifer, no qual “o Filho de Deus e os anjos sinceros e leais prevaleceram” [*“The Son of God and true, loyal angels prevailed”*]



Os esforços que o Dr. Kellogg faz para chamar os jovens a Battle Creek, apesar dos testemunhos evidentes que recebemos,¹¹ mostram que ele está agindo sob a orientação daquele que enganou Eva.¹² Esse raciocínio sutil está colocando o futuro da causa em perigo. Agora terei de ser muito mais franca do que fui no passado, serei obrigada a fazer declarações que não queria fazer, mas é preciso que eu seja mais clara a fim de salvar o rebanho de Deus das influências enganosas.¹³ (13MR 378.3)

O Senhor não planejou que um grupo tão grande se reunisse em Battle Creek como os que ali estão. O resultado será confusão, descrença e desconfiança nas mensagens que Deus envia ao Seu povo.¹⁴ (13MR 378.4)

Se o Dr. Kellogg persistir na atual postura, talvez seja necessário repetir a obra que o Senhor inspirou que Seus mensageiros fizessem no passado,¹⁵ a fim de salvar o maior número possível de almas das influências satânicas que as desviariam do caminho de Deus. O mundo vai apresentar uma opinião contrária a essa obra, que é necessária para que a segurança do rebanho de Deus não seja comprometida. (13MR 378.5)

O fato de homens, cujos nomes talvez eu mencione, estarem ameaçados pelos sofismas que veem surgindo nesta época, mostra que um poder do mal está deixando sua marca nas mentes humanas. Agora, deve-se fazer cada ato cuidadosamente, pois as forças de Satanás têm mentes a seu favor e se esforçarão, através delas, para abalar a fé em nossa experiência passada,¹⁶ que traz a marca do Céu. As influências ilusórias que operam sobre a mente humana têm um caráter que atrapalha a fé do povo de Deus em nossa experiência do passado, que

e os anjos seduzidos seriam aqueles que se simpatizaram com a causa de Lúcifer e foram, por isso, expulsos do Céu (White, 1870, v. 1, p. 23).

¹¹ A cidade de Battle Creek, no Michigan, Estados Unidos, era importante para o Dr. Kellogg pois era onde sua escola de medicina ficava localizada e, de acordo com White (1894, p. 41), era um lugar onde os membros mais jovens da família de Deus deveriam ser treinados de acordo com o plano de crescimento e desenvolvimento de Deus.

¹² Trata-se, aqui, de uma referência à conhecida narrativa de Gênesis 3, segundo a qual Lúcifer, sob a forma de uma serpente, teria enganado Eva no Jardim do Éden, prometendo-lhe que nada lhe aconteceria se ela comesse o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que Deus a havia proibido de comer.

¹³ Houve um erro no documento original: a preposição *to* não foi adicionada: “*in order [to] save...*”.

¹⁴ White se opunha a que as pessoas se aglomerassem em Battle Creek. Em seu manuscrito 1161, de 1905, ela afirma: “*As God’s messenger I am to say to our people that we are not to encourage our youth to go to Battle Creek to receive an education. Fathers, mothers, the souls of your children are precious, and the warnings God has given that young men and young women should not be drawn to Battle Creek have now twice as much force as they had in the past*” (White, 1900, p. 203). Tradução nossa: “como mensageira de Deus, digo ao nosso povo que não devemos encorajar nossos jovens a estudar em Battle Creek. Pais e mães, as almas de seus filhos são preciosas e os avisos de Deus, para os rapazes e as moças, de não irem para Battle Creek têm agora muito mais força do que tinham no passado”.

¹⁵ As obras que White menciona são os juízos com que Deus impediu que coisas piores acontecessem. Em Êxodo 32, encontramos o exemplo de Moisés que cometeu erros que resultaram na proibição da entrada na terra prometida. Além disso, segundo White (1901, v. 6, p. 315), mensageiros são aqueles que marcham em nome do Senhor a fim de levar salvação em Cristo.

¹⁶ White (1983, p. 165, tradução nossa) escreve que: “*There is danger that the experience of the past will be repeated. The men who are serving in the management of the work can just as surely swerve the work into lines of commercialism as in the past*”. Tradução nossa: “corremos o risco de que a experiência do passado se repita. Os homens que estão servindo na administração da obra podem, certamente, desviar o trabalho para o comercialismo, como no passado”.



traz a assinatura do Céu. Essas influências enganadoras visam afligir a fé do povo de Deus quanto aos verdadeiros testemunhos bíblicos. (13MR 379.1)

Em Sua Palavra, o Senhor declarou o que faria por Israel se eles obedecessem à Sua voz.¹⁷ No entanto, os líderes do povo cederam às tentações de Satanás e Deus não pôde dar as bênçãos que antes desejara que recebessem, pois não obedeceram à Sua voz e, em vez disso, deram ouvidos à voz e à política de Lúcifer. Essa experiência se repetirá nos últimos anos da história do povo de Deus, um povo que Sua graça e poder estabeleceram. Nas cenas finais da história da Terra, os homens, a quem Ele muito honrou, seguirão o modelo do antigo Israel.¹⁸ (13MR 379.2)

“Assim, como diz o Espírito Santo: ‘Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração, como na rebelião, durante o tempo de provação no deserto, onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me à prova, apesar de, durante quarenta anos terem visto o que eu fiz. Por isso, fiquei irado contra aquela geração e disse: Os seus corações estão sempre se desviando, e eles não reconheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu descanso’. Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. Pelo contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado”. [Hebreus 3:7-13, NVI]. (13MR 379.3)

Tenham isto em mente: a história está se repetindo.¹⁹ O povo de Deus vai encontrar novamente os perigos que encontrou no passado, mais fortes do que antes. Satanás ganha influência sobre homens a quem Deus honrou mais do que toda inteligência humana, como fez com Salomão.²⁰ (13MR 380.1)

“Por isso é preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos desviemos. Porque, se a mensagem transmitida por anjos provou a sua firmeza e toda transgressão e desobediência recebeu a devida punição, como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação? Essa salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram.” [Hebreus 2:1-3, NVI]. (13MR 380.2)

Cristo era superior aos anjos; seu ministério transcendia o deles; portanto, devemos dar a mais diligente e sincera atenção às Suas palavras. As declarações dos sacerdotes e governantes fermentaram com teorias errôneas. Os mestres que desejavam compatibilizar espiritualmente sua pregação com a condição em que estavam, ao invés de exaltar a verdade e trabalhar para conduzir o povo que afirmava ser o escolhido de Deus aos princípios sagrados que Ele deu, interpretavam mal o evangelho do Antigo Testamento. Cristo veio para

¹⁷ Um exemplo disso é o texto de Êxodo 19:5-6: “Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”.

¹⁸ Segundo White (2010, p. 315), trata-se, de fato, das “bênçãos que lhes recompensaram a obediência e os juízos que seguiram suas transgressões”.

¹⁹ No documento original, empregou-se o ponto final, mas optamos pelo uso dos dois pontos para refletir, mais precisamente, a estrutura da oração subordinada substantiva apositiva.

²⁰ Segundo 1 Reis 3:10-14, Salomão foi recompensado por sua fidelidade a Deus com sabedoria, de modo que adquiriu a reputação de grande sábio, além de fama e riquezas.



ensinar o evangelho em sua pureza e verdadeira essência, e todos devem manifestar apreço por Seus ensinamentos. (13MR 380.3)

O Senhor estava conduzindo Seu povo de volta à verdade genuína. As Escrituras mostram o prejuízo que eles sofreram e continuariam a sofrer, a menos que se voltassem para a Palavra, recusando deixar escapar de sua memória qualquer coisa que ouvissem. Deviam lembrar que as palavras que Cristo falou em Seu ministério terreno em nenhum momento contradiziam as palavras que Ele disse a Moisés para que as transmitisse ao povo.²¹ Deve-se dar “a mais zelosa atenção”,²² apreciar cada raio de luz fornecido, comer a carne e beber o sangue do Filho de Deus,²³ aceitando e aplicando as palavras do Antigo e do Novo Testamento. (13MR 380.4)

A menos que prestemos a mais sincera atenção à Palavra de Deus, as mentes humanas desenvolverão teorias de acordo com os seus próprios hábitos pecaminosos; deturparão e aplicarão erroneamente um “assim diz o Senhor”.²⁴ O abandono dos valiosos princípios que Cristo estabeleceu através de Seus ensinamentos e um desdobramento dos desígnios humanos usando as Escrituras para justificar um proceder indevido, vão comprovar a má compreensão das pessoas; e a verdade que elas necessitam para evitar más atitudes, esvairá de sua alma assim como a água que escorre de um vaso quebrado. (13MR 381.1)

Assim, a mesma coisa acontece hoje em dia. O desvio dos bons princípios cegará a compreensão do que é verdade. A santa lei dos dez mandamentos, que o dedo de Deus escreveu em tábuas de pedra e colocou na arca é o padrão de justiça.²⁵ Ela aparecerá no último grande dia perante o obediente e o desobediente, e todos os ímpios serão condenados.²⁶ Eles verão que suas ações partiram de um caráter depravado e que seu comportamento serviu para levar adiante a rebelião que teve início nas cortes celestiais.²⁷ Eles verão toda a crueldade e a maldade com que desonraram o seu Criador e provocaram a miséria no mundo. (13MR 381.2)

A lei que eles desobedeceram representa a vida deles. A obediência a ela tornaria seu caráter puro como o ouro fino, seus princípios como o ouro de Ofir.²⁸ Se, antes, obedecessem à lei, ao invés de desprezá-la e pisoteá-la, desfrutariam da felicidade e da paz. A obediência

²¹ O texto de Mateus 22:36-40 nos dá uma ideia das muitas palavras que Cristo falou em Seu ministério terreno. As mensagens transmitidas a Moisés são, provavelmente, aquelas contidas nas tábuas dos Dez Mandamentos em Êxodo 20:1-22.

²² Conforme Hebreus 2:1, “Por isso é preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos desviemos”.

²³ Conforme João 6:54, “Todo o que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

²⁴ A expressão “Assim diz o Senhor” pode ser encontrada diversas vezes na Bíblia, como em Isaías 48:17, Jeremias 33:2, Zacarias 11:4, entre outros. White lamenta o fato, portanto, de que é possível tirar uma passagem bíblica de seu contexto a fim de, com isso, alegar a aprovação de Deus para um projeto que vai contra Sua vontade explícita.

²⁵ Conforme Êxodo 20 e Salmo 119:142.

²⁶ De acordo com Hebreus 9:27, Deus fará um julgamento final de cada pessoa. Jesus profetizou a forma como o julgamento vai ocorrer (Mateus 25:31-46; João 12:48). O apóstolo Paulo também descreveu esse julgamento (2 Coríntios 5:10; 2 Tessalonicenses 1:7-12) como a eterna separação entre os obedientes e os desobedientes, ou seja, entre justos e injustos.

²⁷ Trata-se de uma alusão a Apocalipse 12:7-9.

²⁸ Trata-se de uma alusão a Isaías 13:12, que diz: “Tornarei o homem mais escasso do que o ouro puro, mais raro do que o ouro de Ofir”. Em 1 Reis 9:28, temos o relato de que o rei Salomão e Hirão enviaram frotas para buscar ouro em Ofir.



produziria frutos de amor santificado e beleza de caráter. O mundo estaria repleto de santidade e pureza. (13MR 382.1)

Se a igreja de Cristo fosse hoje o que deveria ser, crentes mais velhos e mais jovens seriam unidos pelos laços da comunhão sagrada, livres do ímpio e contaminado sentimentalismo que Satanás criou. (13MR 382.2)

Aqueles que rejeitam os testemunhos que Deus lhes enviou não estão comendo a carne e bebendo o sangue do Filho de Deus. O caráter evoluído conta sua história até o final. Através da recusa em aceitar princípios verdadeiros e da corrupção da natureza humana, Satanás usa seus sofismas para enganar, se possível, os próprios escolhidos.²⁹ Com astúcia, rouba a influência das palavras de vida; e a verdade, a preciosa verdade, não é tão importante para as pessoas quanto seus ambiciosos propósitos. (13MR 382.3)

Depois de seduzir a Adão e Eva, Satanás foi condenado [Esta sentença, que foi parcialmente cumprida na crucificação, será totalmente executada no início do milênio. Veja-se Apocalipse 20:1-3, em que “O poço sem fundo” representa esta Terra em um estado caótico. Veja-se também **Primeiros escritos**, p. 39-40, 290; **O grande conflito**, p. 485, 657-661; **Comentário bíblico adventista**, v. 5, p. 1149; **O Desejado de todas as nações**, p. 761]³⁰ a ficar preso neste mundo.³¹ “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15). Esta maldição se refere principalmente ao originador do pecado, o diabo, e não à serpente, que agia como médium. Satanás e seus ajudantes caíram sob a maldição. (13MR 382.4)

A menos que o ser humano receba a graça de conversão do céu, ele não terá disposição para se opor às estratégias de Satanás, tornando-se um tolo voluntário do inimigo. Só Deus coloca a inimizade ao pecado no coração humano. O Senhor dá uma nova mentalidade ao ser humano. Ele gera o confronto que permite não se submeter ao raciocínio enganoso de Satanás. É Deus quem cria um conflito onde, antes, existia a união.³² É propósito do Senhor que a natureza humana depravada, através de Seu poder divino, seja dotada de uma energia renovadora.

[No final da cópia datilografada deste manuscrito, Ellen G. White escreveu: “Para ser usado quando necessário”]. (13MR 383.1)

Atitude de Ellen G. White em relação ao Dr. Kellogg em 1907 (MR n. 1071)

²⁹ Na Bíblia, vemos vários exemplos dos enganos de Satanás contra o povo hebreu. Entre eles, está a adoração do bezerro de ouro que o povo criou enquanto Moisés estava no monte Sinai (1 Reis 12:28-32).

³⁰ As referências a respeito de como será a sentença de Satanás na terra constam do original em inglês, mas foram inseridas pelo digitalizador do manuscrito (que não foi identificado). Trata-se de passagens que falam a respeito da condenação de Satanás, como podemos ver em um trecho do livro **Primeiros escritos** (White, 2011, p. 290): “a Terra tinha a aparência de um deserto solitário [...]. Aqui deve ser a morada de Satanás com seus anjos maus, durante mil anos”.

³¹ Em Gênesis 3:14-15, Deus amaldiçoa o diabo sob a forma de serpente e, em Apocalipse 20, encontramos sua condenação e destruição.

³² White usa essa expressão duas vezes em seu texto. Trata-se provavelmente de uma alusão a Gênesis 3:15, passagem na qual Deus declarou que colocaria inimizade entre a “serpente”, isto é, Satanás, e a mulher, isto é, a Igreja.



Carta 100
21 de novembro de 1911

Imploro que você não se afaste mais, pensando que a reunião que decidiu realizar em Battle Creek teria sido da forma como você descreveu.³³ Você teve todas as oportunidades em Berrien Springs e, ainda assim, estava tão dominado pelo mal que não conseguia enxergar o quão longe estava de Deus.³⁴ Acredito que você ainda seja incapaz de enxergar como dificultou por anos o trabalho de Deus. Eu sei melhor do que ninguém que você criou várias barreiras para que os funcionários não conseguissem fazer nada proveitoso.³⁵ Deus nos livre de que a descrição que agora você dá do passado seja considerada verdadeira. (13MR 366.1)

Não vi nenhuma maneira pela qual pudéssemos honrar a Deus a não ser nos separando de você e seus associados, assumindo uma postura decisiva contra seus sofismas³⁶. Sei onde o povo de Deus deve permanecer e tenho certeza de que, quando você for transformado pelo Espírito de Deus, trabalhará arduamente em prol do arrependimento. Há muito tempo você conduz as coisas à sua própria maneira, sua única esperança é se converter e, então, tentar salvar seus companheiros. (13MR 366.2)

Suas atitudes quase me custaram a vida,³⁷ mas minha maior angústia é pensar nas almas que poderiam ter sido salvas, mas agora estão perdidas para a causa de Deus. (13MR 366.3)

³³ A cidade de Battle Creek, no Michigan, Estados Unidos, tinha, na época, uma grande concentração de membros e instituições da IASD.

³⁴ Berrien Springs é uma vila localizada no estado de Michigan, no Condado de Berrien, nos Estados Unidos. Em 1901, recebeu a faculdade de medicina, mas White (1900, tradução nossa), conforme o Manuscrito 1161, de 1905, propôs que ela se transferisse de Battle Creek, contrariando a ideia de Kellogg, que, anos depois, a levou de volta para Battle Creek contra a vontade de White. As oportunidades a que White se refere incluíram uma reunião que aconteceu em Berrien Springs na qual ela repassou as orientações que ela teria recebido de Deus para o Dr. Kellogg, mas o médico as ignorou: “*The course taken by some at the Berrien Springs meeting resulted in building up in self-confidence men to whom God had given solemn warnings. It confirmed Dr. Kellogg in his self-righteousness. Many are so blind that they do not yet discern the misleading character of some of the sentiments contained in the book Living Temple. Such ones, whether they be ministers, physicians, or teachers, would better go apart and study the Scriptures alone with God*” (White, 1904a). “O rumo tomado por alguns na reunião em Berrien Springs resultou na formação de homens autoconfiantes aos quais Deus tinha dado avisos solenes. Isso fez com que o Dr. Kellogg se sentisse ainda mais à vontade em sua pretensa santidade. Muitos são tão cegos que ainda não discernem o caráter enganoso de alguns dos pontos-de-vista contidos no livro *Living Temple*. É melhor que essas pessoas, quer sejam pastores, médicos ou professores, se separem e estudem as Escrituras sozinhas com Deus”.

³⁵ White se refere ao trabalho que deveria ser feito em outras cidades. Entretanto, Kellogg estava com o foco em Battle Creek. Por isso, ela lhe diz na carta 43, datada de 14 de junho de 1895: “*You know that I have had light to the effect that there are altogether too many interests centered in Battle Creek. Progress ought to be made elsewhere. How many cities there are in America which have been left untouched!*” (White, 2021b). Tradução nossa: “Você sabe que tenho conhecimento de que existem demasiados interesses concentrados em Battle Creek. O progresso deve ser feito em outro lugar. Há muitas cidades na América que permanecem intocadas!”

³⁶ White se refere provavelmente à teoria panteísta que Kellogg defendia.

³⁷ Na carta 256, de outubro de 1904, White (2021c, p. 136) escreve ao Dr. Kellogg: “*You have certainly made me more suffering through your course of action than I have ever suffered in my experience. I have been robbed of sleep. I have had agony of soul, and now I do not think my life can last long*”. Tradução nossa: “Você certamente me fez sofrer mais com suas ações do que jamais sofri em minha



Se você ainda não escapou da cilada que Satanás armou para sua alma,³⁸ não há mais nada que sustente minha esperança em relação a sua situação. Você está sendo guiado e controlado por forças satânicas e não se aparta do inimigo. Ele exerce forte poder sobre você. Às vezes, você faz declarações que não são verdadeiras e, outras vezes, você fala exatamente o oposto.³⁹ “Até quando vocês vão oscilar entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, sigam-no” [1 Reis 18:21, NVI]. É hora de dar o passo que você ainda não deu. Afaste-se das influências malignas que o estão controlando. Você se colocou em lugares extremos. Você esteve a ponto de romper, mas recuou.⁴⁰ Será que, agora, você não vai se separar definitivamente do inimigo? Essa é sua única esperança. (13MR 367.1)

Como consequência de suas atitudes,⁴¹ a causa de Deus está sofrendo dificuldades financeiras. Você não seria causa disso, se tivesse dado ouvidos à mensagem que Deus lhe enviou, se tivesse caído sobre a Rocha e se esmiuçado. A menos que você faça isso, a vergonha continuará. Você optou pela sabedoria dos advogados,⁴² e há aqueles que ficarão desesperados na tentativa de aproveitar ao máximo sua única esperança, garantir a justiça por lei. O que podem fazer aqueles que estão tentando ao máximo aliviar esse constrangimento? Apesar de estar ciente da situação, você não fez nenhum esforço para aliviá-la, mas agiu de tal forma que complicou as coisas ainda mais. (13MR 367.2)

vida. Perdi meu sono. Minha alma estava em agonia e agora não acredito que minha vida possa durar muito”.

³⁸ Houve, aqui, um erro ortográfico. No texto datilografado, está “form” em vez de “from”.

³⁹ Nesse contexto, White (1985, p. 321, tradução nossa) chegou a fazer a seguinte declaração sobre Kellogg: “*It is represented to me that the writer of this book is on a false track. He has lost sight of the distinguishing truths for this time. He knows not whither his steps are tending. The track of truth lies close beside the track of error, and both may seem to be one to minds which are not worked by the Holy Spirit, and which, therefore, are not quick to discern the difference between truth and error*”. “É-me apresentado que o escritor deste livro se acha em uma vereda falsa. Ele perdeu de vista as verdades distintivas para este tempo. Não sabe para onde seus passos estão se dirigindo. A trilha da verdade e a trilha do erro seguem lado a lado, e as duas podem parecer uma única trilha para mentes que não estão moldadas pelo Espírito Santo, e que, portanto, não estão prontas para discernir a diferença entre a verdade e o erro”.

⁴⁰ Em diversas cartas, como, por exemplo, a que Kellogg escreveu para G. I. Butler, em 21 de fevereiro de 1904, como também para Ellen G. White, ele argumenta a favor de sua interpretação a respeito da natureza de Deus, que foi responsável pelo seu afastamento da igreja e das doutrinas adventistas: “*I am willing to renounce all the awful doctrines you and others attribute to me. I am willing to confess that I am not a pantheist nor a spiritualist, and that I believe none of the doctrines taught by these people or by pantheistic or spiritualistic writings*” (Kellogg, 2018a). Tradução nossa: “Estou disposto a renunciar a todas as horríveis doutrinas que você e outros atribuem a mim. Estou disposto a confessar que não sou panteísta nem espiritualista e que não acredito em nenhuma das doutrinas ensinadas por essas pessoas nem nos escritos panteístas ou espiritualistas”.

⁴¹ Trata-se de uma referência ao fato de Kellogg ter se afastado da IASD, após publicar o livro *The Living Temple*, e ter feito declarações negativas a respeito do dom profético de Ellen G. White (Staff..., 1976, p. 90).

⁴² No manuscrito 197, de 1905, White (2021d, p. 369, tradução nossa) escreve brevemente sobre o contato que Kellogg mantinha com seu advogado: “*I have a representation that Dr. Kellogg is making a spoil of souls. He has tried his arts upon Lawyer Arthur in business transactions, and although I have conversed plainly with Judge Arthur to be guarded, I have heard much talk passing between Lawyer Arthur and Dr. Kellogg*”. Tradução nossa: “Foi-me apresentado que o Dr. Kellogg está causando um estrago nas almas. Ele tentou usar suas táticas em transações comerciais com o Advogado Arthur e, embora eu tenha conversado francamente com o Juiz Arthur para que ficasse atento, escutei muita conversa entre o Advogado Arthur e o Dr. Kellogg”.



Na realização de sua obra, você se sobrecarregou com excessivas responsabilidades. Graças à mente obstinada, você arriscou a própria alma e, por sua infidelidade na mordomia, trouxe grandes prejuízos à obra e à causa de Deus. Você chegou a um ponto em que seus colegas não conseguiam mais apoiar sua gestão. Eles muito relutaram em permitir que a causa de Deus recebesse a reprovação e o estigma que viria sobre ela. Durante todo este tempo, os avisos chegaram até você,⁴³ mas você os ignorou, porque Satanás controlava suas faculdades. (13MR 367.3)

Chegará um tempo em que a obra de Deus precisará ser vindicada. Deus o tem encorajado repetidamente a substituir seus líderes. Afaste-se das coisas mundanas, das organizações satânicas, dos advogados mundanos e das ideias em que você aprendeu a acreditar.⁴⁴ Chegou o momento em que precisamos agir depressa. Suas invenções enganaram tanto a homens quanto a mulheres. (13MR 368.1)

Quando ouve palavras que o colocam em uma posição indesejável, você se sente provocado. Entretanto, você não rompeu com Satanás. Aconselhou-se com ele e é preciso esforçar-se para aliviar a situação. É preciso endireitar os caminhos tortuosos. Alguns vão considerá-lo uma fraude, já que grandes responsabilidades lhe foram confiadas e, no entanto, você lhes quebrou a confiança. Essas dificuldades aparentemente intransponíveis desonram a Deus e prejudicam Sua causa. (13MR 368.2)

Devem-se investigar todos esses assuntos. Nenhuma alma fica segura em caminhos enganosos. Eu o considerei um homem cego, com a mente ligeiramente desequilibrada. Você nunca teria feito o que fez, se não o fosse.⁴⁵ Apresentaram-me uma cena na qual você conversava com os irmãos Prescott e Daniells,⁴⁶ mostrando-lhe, da maneira mais sutil, o raciocínio do inimigo em relação à obra que Deus me concedeu. Os anjos caídos estavam perto de você enquanto realizava tais declarações sobre mim e a minha obra⁴⁷. O irmão Daniells e o irmão Prescott ficaram confusos e, durante certo tempo, consideraram a obra que Deus me concedeu como um enigma. (13MR 368.3)

Vi que eles caíram no terrível dilema se deveriam tomar posição a favor ou contra a luz que Deus me permitiu levar ao mundo. Pareceu-me uma questão de vida ou morte. Não consigo descrever, mas o conflito foi terrível. Você apresentou, de maneira sutil, as ideias sedutoras que as entidades satânicas criaram, e a mente deles ficou deslumbrada até que um mensageiro celestial permitiu que a luz brilhasse. Veio-lhes o

⁴³ Os avisos de Ellen G. White a Kellogg se deram por cartas, geralmente manuscritas, e reuniões nas quais expunha os avisos que afirmava que Deus lhe mostrara em suas visões. Percebe-se, na carta sob análise, que White considerava que Kellogg estava indo em caminhos contrários aos caminhos de Deus.

⁴⁴ Trata-se de uma alusão às ideias panteístas.

⁴⁵ Isto é, se não fosse cego e desequilibrado.

⁴⁶ William Warren Prescott (1855-1944) foi um escritor e administrador da segunda geração de líderes da IASD e serviu à igreja como pastor por 52 anos (Valentine, 1996, p. 380). Arthur Grosvenor Daniells (1858-1936) foi o primeiro presidente da Associação Geral da IASD (McArthur, 1996, p. 439).

⁴⁷ Após declaração de Kellogg afirmando que o livro *Living Temple* estava de acordo com os escritos de Ellen G. White, numa carta endereçada ao Dr. David Paulson, datada de 14 de outubro de 1903 e escrita em Santa Helena, na Califórnia, ela manifestou a opinião de que “*since the claim has been made that the teachings of this book can be sustained by statements from my writings, I am compelled to speak in denial of this claim [...]. We need not the mysticism that is in this book*” (White, 1985, p. 333). Tradução nossa: “uma vez que a declaração de que os ensinamentos do livro podem ser sustentados por declarações dos meus escritos, sou obrigada a falar contra essa afirmação [...]. Não precisamos do misticismo que está nesse livro”.



pensamento: “relembrem a experiência do povo de Deus; recapitulem a história da obra desde o início, como se a estivessem contemplando em uma tela.⁴⁸ Essa obra lhes parece ser o que se representou que fosse?” (13MR 369.1)

Em seguida, o mensageiro celestial lhes apresentou outras duas cenas, até que viram que a verdade tinha a marca do céu no passado; no presente; e, com mais convicção ainda, no futuro. Foi-lhe, então, dito: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram” [Mateus 7:13-14, NVI]. (13MR 369.2)

Cristo, nosso Salvador, veio ao mundo para buscar e salvar quem estava perdido. “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” [João 3:16, NVI]. Em cada momento da vida de Cristo em nosso mundo, Deus estava renovando Sua dádiva. Cristo, o Imaculado, estava fazendo um sacrifício infinito para que os pecadores pudessem ser salvos. Ele veio como um homem de tristezas e familiarizado com a dor, e aqueles por quem Ele veio, O viram como ferido, castigado por Deus e aflito.⁴⁹ O cálice de sofrimento foi colocado em Sua mão como se Ele fosse o culpado, e Ele o bebeu até as borras. Ele suportou o pecado do mundo até o amargo fim.⁵⁰ Ainda assim, os homens continuam a pecar e Cristo continua a sofrer as consequências de seus pecados, como se Ele mesmo fosse o culpado. (13MR 369.3)

O Pai ouviu o clamor de Seu Filho em Sua agonizante humilhação “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”⁵¹ Esse grito, arrancado do Sofredor divino naquele momento de angústia, era um apelo ao Pai. Nenhuma linha pode medir, nenhuma avaliação pode calcular o amor revelado pela cruz no Calvário. Poderíamos compreender esse amor mais plenamente se fôssemos capazes de o ver tal como ele é. (13MR 370.1)

A cada suspiro de angústia, vemos a expressão do amor paterno. O próprio Pai triunfou na grandeza do Seu amor todo-poderoso em prol de um mundo que perece em pecado. Graças ao sacrifício oferecido, o dom da vida eterna está ao alcance de cada filho e filha de Adão.⁵² (13MR 370.2)

Você pode ver o Senhor se compadecendo de você. Se você se lançar à Sua misericórdia, clamando “Rocha eterna, que prazer eu terei de em Ti viver”,⁵³ Ele vai recebê-lo e perdoá-lo. Quando você assumir verdadeira e humildemente uma postura perante Deus, então, e somente então, Ele o receberá. Minha alma anseia por vê-lo separado de toda falsa dependência e sua alma desamparada inteiramente

⁴⁸ No original em inglês, *mirror*, isto é, “espelho”.

⁴⁹ “Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima” (Isaías 53:3).

⁵⁰ A história do julgamento e paixão de Jesus Cristo está nas passagens de Mateus 27:33-44; Marcos 15:22-32; Lucas 23:33-43; e João 19:17-30.

⁵¹ “Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: ‘Eloi, Eloi, lamá sabactâni?’ que significa: ‘Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?’” (Mateus 27:46, NVI).

⁵² Conforme João 3:16.

⁵³ “Rock of Ages” é um popular hino cristão, escrito pelo reverendo Augustus Toplady (1740-1778), em 1775. A versão em português está no *Hinário Adventista* (1996), hino número 195, “Rocha Eterna”.



voltada para Cristo. Não hesite em pôr os pés sobre alicerce firme. Assim, você jamais voltará a se envolver em qualquer obra má.

Ellen G. White

ANÁLISE DOS TEXTOS INÉDITOS DE ELLEN G. WHITE SEGUNDO O MÉTODO GRAMATICAL

Para Ellen G. White, as visões que ela alegava ter tido eram a fonte de seu discernimento para advertir o médico John Harvey Kellogg sobre seus supostos desvios nos caminhos que Deus lhe havia indicado. Por isso, escreveu essas advertências em uma carta e um manuscrito cuja tradução ao português nunca havia sido feita. Nesta seção, citamos a carta e o manuscrito cuja tradução oferecemos com a indicação de C para carta ou M para manuscrito, acompanhada do número do respectivo parágrafo (§).

Na carta sob estudo, como em tantas outras escritas por ela, encontramos um surpreendentemente sofisticado uso da linguagem na tentativa de convencer o recipiente de algum fato que a escritora considerava importante. O objetivo deste artigo é aplicar o método gramatical de Rosenstock-Huessy ao texto do manuscrito e da carta sob estudo a fim de compreender como White fazia uso da linguagem. Para isso, faremos uma análise dos modos gramaticais que White usa nos textos que formam o corpus deste estudo. Além disso, também analisaremos seu uso do vocativo.

Rosenstock-Huessy (2002, p. 53) trata das quatro doenças da linguagem e postula, entre elas, a guerra verbal que pode acometer o discurso. É possível notar que o fator que predomina no discurso de White, na carta e no manuscrito sob estudo, é a guerra. White atribui certas atitudes a Kellogg quando supostamente ignora os conselhos dados por Deus. Trata-se de um comportamento diferente do que se esperaria caso a questão fosse uma crise discursiva, pois não há ninguém que diga o que fazer, quando o problema é a crise discursiva. Na guerra discursiva, as partes não querem se ouvir. Por essa razão, White declara: “como consequência de suas atitudes, a causa de Deus está sofrendo dificuldades financeiras. Você não seria causa disso, se tivesse dado ouvidos à mensagem que Deus lhe enviou” (C §5, grifo nosso).

White tinha o que Rosenstock-Huessy (2002, p. 104-106) chama de capacidade de “regar a alma dos homens com todo o poder da linguagem”. De fato, a escritora



religiosa recorria a falas impactantes, como, por exemplo, quando menciona “a luz que Deus me permitiu levar ao mundo” (C §10). De acordo com Rosenstock-Huessy (2002, p. 93), o lugar da linguagem formal “é um momento de caos e da mais alta tensão”, “entre o diabo e o profundo mar azul”. Parece que essa tensão existiu na confrontação do médico, pois em sua carta datada 06 de fevereiro de 1904, Kellogg diz: “eu me sinto assediado e perseguido” (Kellogg, 2018b). O fato é que a autora usa da linguagem formal em seus discursos, o que significa, conforme Rosenstock-Huessy (2002, p. 95) descreve, que “a linguagem começa quando cada palavra dita de boa-fé implica a afirmação de que o que digo é verdadeiro, de que me defenderei se for atacado quanto ao que digo, e de que espero que o resto da comunidade acredite que digo a verdade”.

Ellen G. White e os modos indicativo e subjuntivo

O modo indicativo ocorre quando “nem o falante nem o ouvinte têm a possibilidade de alterar um fato” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 103). Por isso, White usa esse modo para estabelecer um fato que considera indiscutível: “Se você ainda não escapou da cilada que Satanás armou para sua alma, não há mais nada que sustente minha esperança em relação a sua situação” (C §4).

Segundo Gardiner (1932, p. 221-222, tradução nossa),

os indicativos professam o estado, os subjuntivos fazem o mesmo com um espírito mais provisório e petitório, os imperativos dão ordens [...]. Se o indicativo for empregado, o ouvinte deve apenas aceitar a atribuição, embora a situação deva mostrar exatamente o modo de aceitação pretendido.

White recorre ao que Rosenstock-Huessy (2002, p. 139) chama de modo lírico, pois prefere inscrever os imperativos no formato de conselho. Às vezes, ela faz isso de forma bastante sutil, quando, por exemplo, afirma: “é hora de dar o passo que você ainda não deu” (C §4). Outras vezes, White (C §1) recorre ao modo subjuntivo que ela usa após um verbo de súplica: “Imploro que você não se afaste mais...”

A intenção de White parece ter sido que Kellogg acatasse os conselhos cuja origem ela atribuía a Deus, o que seria sua única esperança de salvação. O modo lírico de Rosenstock-Huessy (2002) é análogo ao que a gramática chama de modo subjuntivo. É o responsável por “sustentar o chamado do soldado à vida, para que ele não fique sem a luz da razão entre o início e o fim” (Rosenstock-Huessy, 2002,



p. 139), sendo a razão para a ação e a “moral” para a “ordem”, que é justamente o que Ellen G. White provê: a moral para a execução dos imperativos.

Outra forma em que White usa o modo subjuntivo é quando aponta para a dinâmica da causa e efeito. Isso acontece especialmente quando relata as possíveis consequências caso Kellogg não desse ouvidos aos alertas que ela anunciava como tendo origem divina. Segundo ela, “a menos que prestemos a mais sincera atenção à Palavra de Deus, as mentes humanas desenvolverão teorias de acordo com os seus próprios hábitos pecaminosos” (M § 15). O uso do subjuntivo, nesse caso, mostra que a obediência ao imperativo “preste atenção à Palavra de Deus” evitaria o desenvolvimento de teorias errôneas.

Ellen G. White e o modo imperativo

Ao analisar os acontecimentos e os escritos de White para Kellogg sob o ponto de vista do método gramatical, destaca-se o aspecto da “guerra”, uma das doenças gramaticais que, segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 53-54) só acontece pela falta de comunicação entre as partes envolvidas. Segundo o filósofo (2002, p. 139), o imperativo é responsável por transformar o ouvinte em soldado: “no imperativo o conhecimento está subordinado à responsabilidade”.

É em contextos diversos que Ellen G. White faz uso do imperativo. Ela o usa para emitir conselhos, como, por exemplo, “afaste-se das influências malignas que o estão controlando” (C §4). Ela o faz pelo recurso às citações bíblicas, como a de Hebreus 3:13: “encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado”. Logo depois de empregar o imperativo, ela geralmente explica as consequências da desobediência aos conselhos, quer pessoais, quer bíblicos. White usa uma citação de Hebreus 2:2 para explicar as consequências dessa desobediência: “Toda transgressão e desobediência recebeu a devida punição” (M § 12). É a desobediência a tais conselhos que, a deduzir de seu discurso, está causando a guerra. Da mesma forma que Paulo aconselha os hebreus a manterem a fé em Jesus Cristo, White escreve a Kellogg e menciona Hebreus 3:12: “Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo” (M §10).

O discurso de White alcança certa sofisticação quando ela substitui o imperativo por expressões equivalentes ou por expressões cujos efeitos se



aproximam dos do imperativo, como, por exemplo, “Será que, agora, você não vai se separar definitivamente do inimigo? Essa é sua única esperança” (C § 4). Essa frase equivale a dizer: - Afaste-se do inimigo. Em outro parágrafo, ela afirma: “Não hesite em pôr os pés sobre alicerce firme” (C §15). Embora enfatizando exclusivamente o ponto de vista que defende, White emprega essas expressões com o objetivo de pôr fim à guerra.

Rosenstock-Huessy (2002, p. 141) descreve a função do modo narrativo (isto é, indicativo) como sendo mumificar o imperativo. Ou seja, ele torna o imperativo um objeto histórico. Essa função também ocorre nos textos de White. A história de Elias e Acabe no monte Carmelo (C §4), na qual o povo coloca Deus e Baal à prova, a leva a citar 1 Reis 18:21: “Até quando vocês vão oscilar entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, sigam-no” (C § 4). White usa, assim, a narrativa para que culmine nessa importante ordem. Na carta sob estudo, White pede a Kellogg uma posição a respeito de suas atitudes. O médico deveria escolher os caminhos de Deus ou a publicação de seu livro. Para ela, não era possível que as duas coisas acontecessem simultaneamente.

Ellen G. White e o vocativo

Rosenstock-Huessy (2002, p. 231) defende a comunicação como ferramenta crucial para a vida do ser humano. Nesse contexto, a primeira condição para a saúde gramatical seria o ato de alguém nos dirigir a palavra de forma única. Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p. 236-239), os “vocativos fazem algo aos falantes: trazem-nos para fora”, pois “o falante vive no vocativo; o ouvinte vem à vida no imperativo”. Sendo assim, o autor atribui ao vocativo a condição de necessidade universal, pois “falamos não de coisas mortas, mas para pessoas vivas” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 235).

O uso do vocativo é comum em cartas, pois a carta é direcionada a alguém, e o vocativo auxilia a identificar o destinatário. Entretanto, White não faz uso do vocativo em nenhum momento. Ela faz invocações sutis como no primeiro parágrafo da carta sob estudo, no qual White chama Kellogg à vida ao dizer “Imploro que você não se afaste mais...”, havendo ali um vocativo oculto e apelativo “Kellogg, eu imploro...”. Da mesma forma, quando White diz “Não hesite em pôr os pés sobre alicerce firme” (C § 15), pretende dizer: “Kellogg, não hesite...”.



White emprega apenas os vocativos que ela encontra nos textos bíblicos ou nos hinos religiosos. Isso ocorre, por exemplo, com a citação de Mateus 27:46: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (C §13). Ocorre também na expressão “Rocha eterna, que prazer eu terei de em Ti viver” (C § 15). Como Rosenstock-Huessy (2002, p. 238) exemplifica, White poderia ter sido muito enfática caso recorresse a um vocativo direto. No exemplo de Rosenstock-Huessy (2002, p. 238), quando invoca repetidas vezes a cidade de Atenas, Gobineau dá a entender “por um simples vocativo que seu lar espiritual é Atenas”. Por isso, diz: *et tot, Athenes, Athenes, Athenes, Athenes*. Dessa forma, o poeta revela que sua alma “entra em sua verdadeira morada na invocação”.

A opção de evitar os vocativos talvez seja o indício mais seguro de que White estivesse disposta a capitular em alguns pontos a fim pôr fim à guerra que travava com Kellogg. Se optasse por mencionar repetidamente o nome do médico, isso poderia levar ao recrudescimento da posição defendida por ele.

Rosenstock-Huessey (2002) nos fornece “um método para nos ajudar a compreender nossa história” e, com isso, “a experiência gramatical nos transforma”, com “a esperança de uma cooperação e um entendimento mais bem-sucedidos” (Stahmer e Gorman-Thelen, 2002, p. 264). O autor estabelece quatro doenças da linguagem (guerra, revolução, degeneração e crise), dentre as quais identificamos a “guerra” como aplicável ao contexto em que os textos sob estudo estão inseridos. A razão para essa classificação vem do fato de que Kellogg não estava disposto a renunciar às convicções expostas em seu livro *The Living Temple*. Ele sentia que não era escutado, como disse em uma de suas cartas à White: “eu me sinto assediado e perseguido” (Kellogg, 2018b). Com isso, é possível ver que não se estabeleceu comunicação adequada entre as partes, sendo que, “na guerra, pessoas que julgam que devem ser escutadas são excluídas” (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 61).

A cura da doença da guerra verbal seria como um tratado de paz. Nesse caso, a linguagem se restabeleceria e haveria a sensação de que as coisas estavam sob controle novamente (Rosenstock-Huessy, 2002, p. 62). Entretanto, não houve acordos, nem White “ganhou a guerra”. Kellogg não seguiu seus conselhos e se afastou da IASD e de seus cargos. Seu livro foi publicado e seguiu o próprio caminho. Para a recuperação da saúde gramatical, seria necessário que uma das partes abdicasse de sua posição entrincheirada ou que ambas entrassem em consenso a



respeito do que seria melhor. Enquanto White se posiciona como voz profética, não lhe sendo possível capitular, Kellogg, por sua vez, se mantém irreduzível. Não aceita a exigência de White: a remoção dos conteúdos de natureza teológica do livro *The Living Temple*.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, apresentamos uma tradução comentada para a qual empregamos a tradução automática seguida de um minucioso processo de revisão. O foco recaiu no contexto histórico e tradutório de dois textos inéditos da escritora Ellen G. White. O método gramatical de Rosenstock-Huessy nos forneceu as ferramentas necessárias para a análise do contexto linguístico de Ellen G. White em relação às suas divergências teológicas dos escritos de John H. Kellogg. Empregamos, portanto, a tradução comentada como metodologia para uma melhor compreensão do contexto histórico para cuja finalidade recorreremos aos comentários em notas de rodapé, o que, além disso, nos ajudou na aplicação do método gramatical de Rosenstock-Huessy.

Com base no método de Rosenstock-Huessy, concluímos que, para obter a saúde gramatical, é necessário curar as assim-chamadas “doenças da linguagem” por meio da comunicação. Identificamos, mais especificamente, que a doença da linguagem presente na conjuntura da troca de textos entre White e Kellogg era a assim-chamada “guerra”, isto é, uma disputa identificada como tal. Notamos o esforço de White para convencer o médico a se retratar de um livro que havia publicado recentemente. Na análise dos textos de White, encontramos vários modos gramaticais (imperativo, vocativo, subjuntivo e indicativo), identificados por Rosenstock-Huessy como sendo comumente usados em circunstâncias análogas de doença de linguagem.

A pergunta que norteou este capítulo foi: como podemos analisar a tradução dos imperativos e outros modos gramaticais nos textos inéditos sob estudo e como o método gramatical de Rosenstock-Huessy impactaria nossa compreensão desses textos? Nossa hipótese era a de que o estudo revelasse que a opção de White pelos modos gramaticais estudados por Rosenstock-Huessy tinha por objetivo reivindicar que suas palavras fossem compreendidas como proféticas. Consideramos, portanto, que a pergunta foi satisfatoriamente respondida e que a hipótese se confirmou.



REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antoine. Critique, commentaire et traduction: quelques réflexions à partir de Benjamin et de Blanchot. *Po&sie*, v. 37, p. 88-106, 1986.
- BOISSEAU, Maryvonne. Présentation. *Palimpsestes*, n. 20, p. 1-7, 2007.
- CAMPBELL, Michael W. Kellogg, John Harvey (1852-1943). In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). *Enciclopédia Ellen G. White*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 475-478.
- CARVALHO, Olavo de. Edição e notas. In: ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Tradução: Pedro Sette Câmara. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DOUGLASS, Herbert E. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- COON, Roger W. *Ellen G. White comments on the use of tithe funds*. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 1990.
- GARDINER, Alan H. *The theory of speech and language*. Oxford: Clarendon, 1932.
- HARRINGTON, Jim. *Boulder Inn: the boulder natural foods industry*, c2018. Disponível em: <<https://boulderinn.com/boulder-natural-foods/>>. Acesso em: out. 2021.
- HAYWARD, James L. John Harvey Kellogg (1852—1943). In: NEUFELD, Don F. (Ed.). *Seventh-Day Adventist Encyclopedia*. 2. ed. Hagerstown, Maryland: Review & Herald, 1996. v. 10, p. 851.
- HINÁRIO Adventista do Sétimo Dia. “Rocha Eterna”, nº 195. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- KELLOGG, John H. 1904-02-21 John Harvey Kellogg letter to G. I. Butler. In: *AS IT READS*. John Harvey Kellogg files. 2018a. Disponível em: <https://www.asitreads.com/kellogg-files>. Acesso em: 25 out. 2021.
- KELLOGG, John H. 1904-02-06 John Harvey Kellogg letter to Ellen G. White. In: *AS IT READS*. John Harvey Kellogg files. 2018b. Disponível em: <https://www.asitreads.com/kellogg-files>. Acesso em: 28 out. 2021.
- KELLOGG, John Harvey. *The Living Temple*. Battle Creek, MI: Good Health, 1903.
- MCARTHUR, Benjamin. In: NEUFELD, Don F. (Ed.). *Seventh-day Adventist encyclopedia*. 2. ed. Hagerstown, Maryland: Review & Herald, 1996. v. 10, p. 851.
- NICOLA, L.T. *General Conference Bulletin*, v. 1, p. 709, July 1, 1896.
- ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Tradução: Pedro Sette Câmara. Rio de Janeiro: Record, 2002.



ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **Speech and reality**. 2. ed. Norwich, Vermont: Argo Books, 1970.

SARDIN, Pascale. **De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et pretexte**. Palimpseste, n. 20, p. 121-136, 2007.

SCHAEFER, Richard A. **Legacy, daring to care: the heritage of Loma Linda**. Loma Linda: Legacy, 1990.

STAFF of the Ellen G. White Estate. **A critique of the book Prophetess of health**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 1976. Disponível em: <<https://m.egwwritings.org/en/book/776.1556#1556>>. Acesso em: 2 nov. 2021.

STAHMER, Harold M; GORMAN-THELEN, Michael. Introdução. In: ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da linguagem**. Tradução: Pedro Sette Câmara. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 11-19.

TORRES, Marie-Hélène C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana F.; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter Carlos (Orgs.). **Literatura traduzida tradução comentada e comentários de tradução**. Fortaleza: Substância, 2017. v. 2, p. 15-35.

VALENTINE, Gilbert M. In: NEUFELD, Don F. (Ed.). **Seventh-Day Adventist Encyclopedia**. 2. ed. Hagerstown, Maryland: Review & Herald, 1996. v. 11, p. 380.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. Manchester: St. Jerome, 2002.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Silver Spring: Maryland: Ellen G. White Estate, 2007a. v. 4.

WHITE, Ellen G. **Christian Education**. Battle Creek, MI: International Tract Society, 1894.

WHITE, Ellen G. Mr No. 1161, 1905. In: **Manuscript releases**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1990, v. 15.

WHITE, Ellen G. Mr No. 1074, 20 Jan. 1904. In: **Manuscripts releases**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 1990a. v. 13, p. 72. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/67/info>. Acesso em: 10 nov. 2021.

WHITE, Ellen G. Mr No. 197, 1905. In: **Letters and manuscripts**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 2021d. v. 20, p. 369. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14070/info>. Acesso em: 2 nov. 2021.

WHITE, Ellen G. Letter 43, 14 Jun. 1895. In: **Letters and manuscripts**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 2021b. v. 10, p. 57. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14060/info>. Acesso em: 2 nov. 2021.=

WHITE, Ellen G. Letter 100, 1907. In: **Manuscripts Releases**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 1990b. v. 13, p. 69. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/67/info>. Acesso em: 10 nov. 2021.



WHITE, Ellen G. Letter 199, 15 Oct. 1901. *In: Letters and manuscripts*. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 2021a. v. 16, p. 203. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14066/info>. Acesso em: 2 nov. 2021.

WHITE, Ellen G. Letter 256, Oct. 1904. *In: Letters and manuscripts*. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 2021c. v. 19, p. 136. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14069/info>. Acesso em: 2 nov. 2021.

WHITE, Ellen G. **The Spirit of Prophecy**. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1870. v. 1, p. 23.

WHITE, Ellen G. **Testimonies for the church**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1901. v. 6.

WHITE, Ellen G. **The Publishing Ministry**. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1983.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WHITE, Ellen G. **Primeiros Escritos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, Ellen G. **Testimonies for the church containing letters to physicians and ministers: instruction to Seventh-Day Adventists**. Silver Spring, Maryland: Ellen G. White Estate, 1904a.

WHITE, Ellen G. Stepping off the platform. *In: Spalding and Magan Collection*. Payson, AZ: Leaves-Of-Autumn, 1985. p. 332-338.